ACESSE EM
MEDIUM.COM/FOTOCRONO

vol. 08 num. 20

PRODRO AO
BIEV E NAVISUA

fotocronografias

2022
E-ISSN 2595-3559

PAISAGENS HUMANIMAIS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Núcleo de Antropologia Visual - Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Olavo Ramalho Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil - olavoramalhomarques@gmail.com

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Nicolas Barbier, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

biev

UFRGS

v. 08 n. 20

Organização
Flavio Silveira - Professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPA, Brasil
Andréa Osório - Professora Associada III no INEST//UFF, Brasil

Organização Assistente
Fabricio Barreto - Doutorando no Programas de Políticas Públicas (UFRGS), Brasil

Fotos da Capa e Contracapa
Gabi Di Bella, Felipe Bandeira Netto, Denise Machado Cardoso, Luisa Amador Fanaro e Leisner Ivan Holz

Diagramação e Editoração
Felipe da Silva Rodrigues - Mestrando em Planejamento Urbano Regional (PROPUR/UFRGS), Brasil

foto *crono* grafias

PAISAGENS HUMANIMAIS

2022

Sumário

v.08 n.20

PAISAGENS HUMANIMAIS

Paisagens humanimais na contemporaneidade: perspectivas interacionais imagético-visuais mais que humanas em diferentes contextos 7
Flávio Leonel Abreu da Silveira, Andréa Osório

Matadouro Municipal 17
Ana Paula Perrota

Seca e criação de gado na Paraíba: a composição de uma moralidade sociotécnica 33
Joelma Batista do Nascimento

O que está fora do conforto 45
Leandra Holz, Felipe Vander Velden

Cascos na calçada: o que os cavalos errantes nos dizem? 65
Eric Silveira Batista Barreto

Destinos imbricados: expressões de uma cultura equestre popular 79
Miriam Adelman

Notas humanimais e visuais sobre corridas de cavalo na ilha do marajó em um campo antropológico 101
Felipe Bandeira Netto, Denise Machado Cardoso

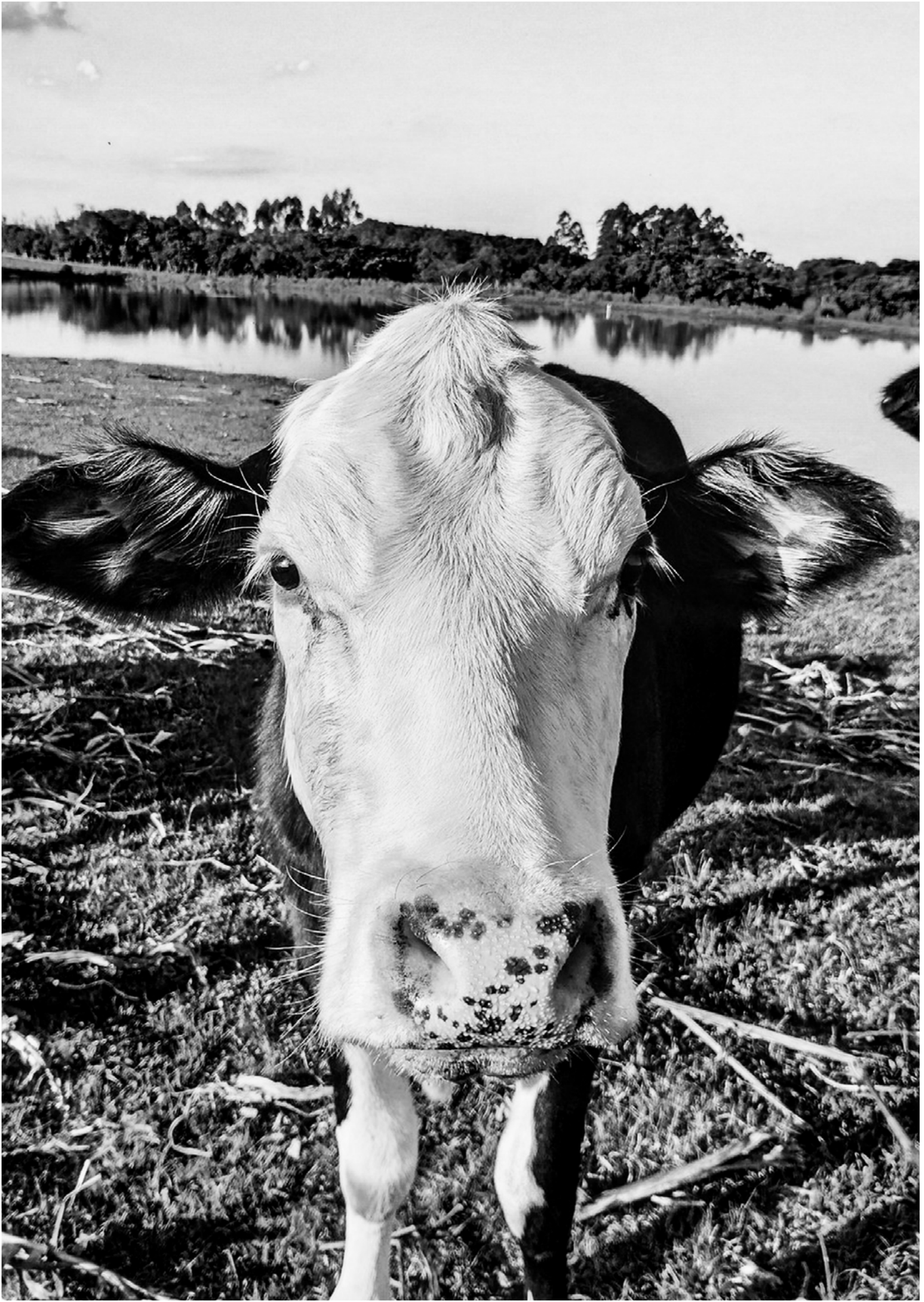
O trabalho humano-canino na truficultura chilena 121
Luisa Amador Fanaro

Os direitos dos animais e a conservação da biodiversidade: relato do resgate da elefanta Rana 139
Gabi Di Bella

Cozinhar o javaporco: tabus de consumo em uma cidade de Minas Gerais 163
Andréa Osório

Cuidado: área sujeita a ataques de tubarão 179
Camila Maria Silva de Moraes Santos, Ana Cláudia Rodrigues da Silva

Do ovo às gavetas entomológicas: metamorfoses na biografia da coleção biológico-Científica de borboletas e mariposas do museu nacional— UFRJ 197
Líbera Li de Lima Nunes



2022

v. 08 n. 20

Paisagens humanimais na contemporaneidade: perspectivas interacionais imagético-visuais mais que humanas em diferentes contextos

Flávio Leonel Abreu da Silveira [1]
flavio.leonel@terra.com.br
https://orcid.org/0000-0001-9421-5966
http://lattes.cnpq.br/1972975269922101

Andréa Osório [2]
andrea_osorio1@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-0368-9117
http://lattes.cnpq.br/6909409179119225

1 - Professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPA. Pesquisador do CNPq.
2 - Professora Associada III no INEST//UFF.

A proposta deste número da revista Fotocronografias, voltada às *paisagens humanimais* que ora apresentamos, reflete um trabalho coletivo inclinado à conformação de um campo de reflexão que consideramos consolidado na Antropologia Brasileira. A edição tem um papel relevante na trajetória dos estudos das relações humano-animais realizados no Brasil. Partimos de tal análise com base em nossa experiência conjunta de mais de 10 anos neste debate, justamente porque o referido número ocupa um espaço ainda aberto e profícuo no campo – porque pouco explorado e repleto de possibilidades interpretativas. Neste sentido, o ofício do/a antropólogo/a com a câmera nas mãos, que se lança na aventura (antropológica, mas também ecológica) de captar imagens capazes de compor narrativas fotoetnográficas das interações humano-animais em paisagens multiespécies, quiçá, mais-que-humanas nos mundos bioetnodiversos e socialmente plurais no/do contexto brasileiro, é um desafio instigante e promissor.

A revista, portanto, surge no horizonte reflexivo da antropologia produzida no país sobre as relações/interações dos coletivos humanos com os animais, que nos parece em franca expansão. Nestes termos, a revista indica as possibilidades reflexivas e hermenêuticas relacionadas aos usos narrativos imagético-visuais – e, portanto, em diálogo com a zoopoética e a zooliteratura (Maciel, 2008), uma antropologia do sensível (Sansot, 1986) e das afecções (Favret-Saada, 1977), entre outros – como resultado de etnografias efetu-

adas em determinados contextos de significação, onde "comunidades híbridas"/coletivos humanimais e suas co-criações e engajamentos em paisagens multiespécies são fenômenos mais-que-humanos passíveis de interpretações antropológicas no Antropoceno/Capitaloceno[1].

O debate acerca das complexas relações entre humanos e animais na contemporaneidade envolve diferentes socialidades mais-que-humanas, ou ainda, práticas co-participativas humanimais em contextos específicos, que em âmbito nacional indicam a pluralidade dos fenômenos de interações e de abordagens possíveis. Tais socialidades e práticas, enquanto formas sociais, estão constituídas e/ou atravessadas por um complexo conjunto de relações interespécies ligadas a agências, reciprocidades, formas de explorações, negociações de sentidos que se vinculam a expressões de emoções, sentimentos, racionalidades, as quais emergem pelo convívio em paisagens multiespécies. As ambiguidades animais e humanas, seus "abismos" relacionais, revelam possibilidades de (des)encontros e formas relacionais mais ou menos tensionais, não raro, agonísticas porque afeitas aos modos de vida modernos ligados à exploração do *outro* – animais processados como *commodities* manufaturadas (Berger, 23: 2009) para a devoração humana –, por vezes, de tentativas de invisibilização dos animais.

Partimos do pressuposto de que o campo das relações humano-animal, ou *Animal Studies*, emerge com força na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX, portanto, a perspectiva de pensarmos as relações humano-animal reverbera uma longa duração, que na atualidade – e no caso brasileiro – conhece impulso renovado no campo antropológico: o sujeito animal (Lestel, 2009), portanto falamos também de uma subjetividade animal (Maciel, 53: 2008), que configura agentivamente junto aos humanos determinadas paisagens e, não apenas está assujeitado (Berger, 2009; Derrida, 2011) pelos humanos a elas, o que significa dizer que temos um horizonte relacional complexo, contraditório, mais ou menos violento nas chamadas paisagens humanimais. O *estar-com*, aqui, é *contraditorial*[2], pois indica ligações tensionais que participam tanto da efusão paisagística das formas humanimais em relação como participa da tragédia da cultura (Simmel, 1997).

Na verdade, sabe-se que os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. O estudo clássico de Evans-Pritchard (1993) sobre os Nuer e as suas relações com o gado bovino, coloca tais existentes no centro da organização sócio-político-econômica daquele coletivo humano, e talvez seja o exemplo mais relevante no campo antropológico. Por outro lado, as reflexões de Mary Douglas (1976) sobre os tabus em relação às práticas de carnivoria humana em relação aos porcos é outro estudo clássico. Neste sentido, comumente, identifica-se como desdobramento no campo dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, voltado à busca do animal "real"; e outro, de caráter semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações.

1 - Aqui, uma vasta bibliografia que iria de Latour, passando por Haraway até chegar a Moore é possível, somando-se à produção brasileira e dos estudos decoloniais que se voltam ao tema.

2 - A ideia de estar-com ancora-se em Derrida (2008) e Maffesoli (1987), a noção de contraditorial emerge a partir deste último autor.

Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas/legitimadas relações entre natureza e cultura, bem como a retomada dos estudos acerca das paisagens na Antropologia força o reconhecimento de certa unicidade perdida entre humanos e não-humanos vivos, suas dimensões interacionais mais que humanas que colocam em questão o antropocentrismo, ou qualquer perspectiva de insularidade do *Anthropos* (Morin, 1975).

O que tentamos nesta edição da Revista Fotocronografias está, portanto, no horizonte do que Antropologia das Relações Humano-Animais elabora em seu debate: lançar luz sobre relações e sociabilidades muitas vezes tomadas como meros dados da realidade ou como algo natural. Carne, leite, criações, cavalos, trufas, borboletas, entre outros, se tornam foco do olhar fotoetnográfico, de modo a que possamos ponderar sobre os lugares e/ou nichos (ecossistêmicos, simbólicos, sócio-políticos, ideológicos, econômicos) em que se encontram, as redes que movimentam e os humanos e não-humanos envolvidos, sejam vivos ou não naquelas paisagens mais-que-humanas que o/a antropólogo/a volta seu interesse, especialmente quando está com a câmera nas mãos.

Na verdade, o uso e/ou a apropriação criativa das imagens durante a pesquisa de campo na e para a produção de hermenêuticas sensíveis acerca das relações com outros não-humanos, pressupõe um olhar atento às complexas interações dos coletivos humanos com os animais, pois considera o exercício sutil do ver por parte do etnógrafo, levando em consideração as dimensões ecosóficas (sociais, ecossistêmicas, mentais) presentes no contexto que se insere, e que a perspectiva de seu universo sensível toca, e se desdobra diante de suas lentes como uma sucessão sutil de frames, posições no jogo social interespécies envolvendo sociabilidades e congraçamentos, mas também dramas e tragédias, de possíveis agenciamentos coletivos de subjetividade humanimal , conexões e comunicações (e, certamente, de metacomunicações e redundâncias à Bateson (1972)) acerca do saber-fazer humano onde os animais participam agentivamente num ambiente onde significados são partilhados, sempre envolvendo interações e deslocamentos de seres nos lugares, co-criando uma dança relacional onde humanos e animais se imbricam como paisagens em devir atravessadas pelas potências imaginárias na produção de mundos paradoxais ou não.

A câmera (fotográfica – votada à imagem fixa) nas mãos do pesquisador que se insere em dado contexto etnográfico e dele participa intensamente, seria uma agenciadora – uma coisa com agência – a co-criar com o pesquisador uma intencionalidade híbrida na busca de compreensão de determinada realidade social mais-que-humana, de produzir narrativas fotoetnográficas (ou como queiram chamar) elaboradas na co-participação junto às paisagens dos Outros. Tais narrativas etnográficas, cujas ambiências (ou configurações paisageiras) indicam, justamente, a tentativa de revelar a experiência vi-

vida com coletivos mais-que-humanos, nas quais paisagens humanimais são um parcela do cotidiano (ou da excepcionalidade dele ou nele) imprimem movimento, denotam ou recortam posições, revelam nuances, enfim, (re)contam a experiência de outrora transfiguradas no agora da produção textual intersubjetiva, cuja força está no diálogo com as imagens mais-que-humanas em jogo. Nunca escapamos do domínio das imagens: o que precisamos é estabelecer uma boa conversa entre as imagens presentes no texto escrito e aquelas reveladas pelas nossas intencionalidades etnográficas quando estamos com a câmera nas mãos.

Então, a câmera mais que uma ferramenta/dispositivo de coleta de dados, mediante uma Antropologia Visual em ato, revela-se a possibilidade hermenêutica de elaborar narrativas que pressupõem a complexa dialogia quando o/a etnógrafo/a, sensivelmente, se debruça sobre seu material, que aponta para uma Antropologia que considera o imaginário, as potências agregadoras e convergentes de imagens que constelam na forma texto-ensaio fotoetnográfico, que parte de sua imaginação criadora, de suas experiências com alteridades humanas e não-humanas, com ontologias relacionais, ou cosmologias diversas em contextos outros.

Neste número participam colegas que estão conosco neste debate desde longa data, assim como jovens pesquisadores ligados a alguns deles, outros que acompanhamos através de suas trajetórias na pós-graduação e pela participação no debate, além dos pesquisadores que participam en passant apresentando ensaios relacionados a aspectos de seus estudos que cotejam as relações humano-animais. De qualquer forma, temos aqui um panorama sucinto, mas interessante, dos caminhos pelos quais o campo tem percorrido e se desenvolvido já que, de alguma maneira, a revista em questão reflete nosso trabalho de mais de 10 anos à frente do Grupo Temático Antropologia das Relações Humano-Animais no âmbito da Reunião Brasileira de Antropologia[3].

O número da revista em questão pretende ser um espaço para reflexões imagéticas, especialmente pelo fato de que considera a relevância das imagens na construção de narrativas visuais que tomem as relações inter e multiespécies (onde humanos e animais não apenas "fazem" paisagens, mas são paisagens em devir, ou ainda, expressões paisageiras no mundo praticado). Aqui, cabe ressaltar que os animais, essas figuras ambíguas, são "sempre" observados, ou são "sempre" invisibilizados, ou são também aqueles que nos olham. O olhar animal nos re-situa, nos desloca, e exige pontes entre abismos num contexto de significação humanimal, pelo fato de que nos construímos como humanos na relação (mais ou menos paradoxal) com eles. O olhar humano sobre os animais na contemporaneidade exige a reconfiguração da insularidade do anthropos, e, certamente, do demens, num sentido de reconfigurarmos os mundos (próprios, plurais, diversos) com os animais, indo ao encontro de outros existentes para que o Antropoceno não seja somente a catástrofe, ou que Gaia seja a dimensão macro da simbiose que podemos ter, ou ser,

3 - Lembramos que o Grupo Temático denominado Antropologia das Relações Humano-Animais associa-se a diversos grupos/coletivos envolvendo colegas de distintas instituições que se organizam para a realização de debates em torno do tema em vários fóruns de discussão nacionais (REA, RAM, ANPOCS), e para além deles.

com os animais numa dimensão meso, e mesmo, microssociológica[4].

Sendo assim, esta edição de Fotocronografias volta-se às pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não-humanos, a partir de um viés no qual tais relações possam ser visualizadas em imagens, conjuntamente a seus textos explicativo-reflexivos, portanto, que evoquem hermenêuticas próprias acerca do universo cotejado em consonância com as imagens evocadas pelo trabalho de campo, o exercício etnográfico – o que nos remete ao fato de que as imagens fotográficas enfocam as relações, onde os próprios animais têm agências com os humanos, em qualquer que seja o contexto estudado.

Neste número da revista as contribuições fotoetnográficas tomam como mote reflexivo tais interações para a produção antropológica contemporânea, relacionando os campos da paisagem, do imaginário, enfim, do sensível, a partir das expressões humanimais no mundo contemporâneo, neste caso, mediante etnografias visuais, ou melhor, onde texto e imagens, ao narrarem experiências etnográficas, revelem nuances sobre os universos deste campo de pesquisa que floresce entre nós.

Observamos que eixos teóricos clássicos como natureza/cultura, rural/urbano, tradição/modernidade, trabalho/lazer, ou mesmo, artesanal/industrial, que são fundamentais tanto para a Sociologia quanto para a Antropologia, são acionados em alguns dos ensaios, bem como dilemas do fazer etnográfico que o processo de escrita não consegue resolver, mas que podem ser colocados/realçados pelas imagens. Vida e morte parece ser outro tema constante, seja no consumo do javaporco, numa coleção científica de mariposas e borboletas, em um Matadouro Municipal, na sobrevivência à estiagem, ou em maus encontros com tubarões em Pernambuco. Há animais que trabalham e animais que nos dão lazer enquanto "trabalham", da mesma forma que há perigos nessas áreas de lazer.

A resiliência dos pares de oposição binários nos faz pensar sobre a própria distinção entre humanos e animais. Optamos aqui por "animais", ao invés de não-humanos ou outros-que-humanos por entender que essa primeira categoria assinala uma distinção fundamental ao pensamento Ocidental, por onde todos os ensaios aqui apresentados trafegam. Não que os outros-que-humanos não estejam presentes, por exemplo, nas trufas, nas caixas que guardam borboletas e mariposas ou nas placas que previnem contra tubarões, para citar apenas alguns exemplos. Estão e são perceptíveis como parte da forma como nos relacionamos ou evitamos nos relacionar com determinadas espécies.

Esse jogo de aproximação e afastamento é compartilhado aqui também. Aproximar-se das trufas requer um cão trufeiro. Aproximar-se de um frigorífico industrial requer conhecimentos pessoais. Afastar-se requer muros, placas, cercas elétricas ou de arame farpado. A própria câmera fotográfica é, ela própria, um meio de aproximação, como o é

4 - O debate acerca do olhar na configuração humano-animal em determinado contexto de agenciamentos e sentidos compartilhados é uma tentativa modesta de trazer questões colocadas por Baker (2008), Berger (2009), Derrida (2008), Kalof e Montgomery (2011), Lestel (2003) e Maciel (2008).

o fazer etnográfico. Eles abrem portas para mundos desconhecidos, tanto quanto os interlocutores as fecham quando não estão dispostos a terem seu universo penetrado por um/a desconhecido/a. Aproximação e afastamento fazem parte do próprio fazer antropológico, seja ao adentrarmos ou ao deixarmos determinado campo.

As imagens aqui apresentadas trafegam por pontos tão distantes quanto o Marajó e o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o sertão paraibano, Mato Grosso e Chile, entre outros. Criados confinados ou à solta, asselvajados, domésticos e selvagens, uma certa miríade de espécies se desdobra ao olhar, com ênfase para os bovinos e equinos, que, em conjunto, somam seis ensaios, dando a noção da relevância de tais espécies para o país. A ideia de bem-estar emerge, mesmo que de forma muitas vezes velada, em vários dos ensaios. Há uma preocupação na relação entre humanos e animais, para que ambos sobrevivam. E para tal, dependemos, muitas vezes, uns dos outros, seja na esfera econômica, seja no âmbito dos afetos – que são, tantas vezes, pensados como antitéticos, mas que se encontram de inúmeras maneiras, como entre trufeiros e seus cães, ou entre criadores e seu gado.

São múltiplas, portanto, as paisagens cobertas nesta edição: ilhas, mares, sertões, ruralidades, meio urbano, norte a sul, leste a oeste. O que nos chama a atenção é um dado prosaico: o de que em todas elas estão ali, presentes, como era de se esperar, animais e humanos, visíveis ou não. As placas que alertam contra os tubarões dão visibilidade a um animal marinho que, por esta razão, é difícil de ser visualizado. Os muros do frigorífico escondem, por sua vez, um processo de vida e morte, capitalista, industrial e moderno. A peça de pernil de javaporco alerta para a presença do animal na região, normalmente escondido nas plantações de milho e cana-de-açúcar. O cachorro aponta para a direção da trufa enterrada no chão. Matadouros e frigoríficos nos fazem pensar sobre a ocultação – ou não – da morte animal. Por outro lado, coleções científicas de borboletas e mariposas trazem à luz a existência de seres delicados, cujo processo de metamorfose normalmente não é testemunhado no cotidiano, da mesma forma que cavalgadas, corridas e passeios a cavalo exaltam um animal tão caro ao país, quase onipresente, seja no campo ou na cidade.

Passamos, a seguir, a um breve resumo dos ensaios aqui dispostos, de modo que o leitor perceba que, independente da espécie – ou dependendo dela – os temas se sucedem, muitas vezes, tangenciando-se, seja na forma da abordagem teórica ou (foto)etnográfica. Dilemas de campo se sucedem, demonstrando algumas das agruras e percalços de se fazer Antropologia em paisagens e com sujeitos e objetos tão distintos.

Ana Paula Perrota realça os conflitos existentes entre a modernidade de um frigorífico industrial e o tradicionalismo dos abatedouros, conforme visitados pela autora no interior do Maranhão. Ela parte do Matadouro Municipal e sua ausência de muros para pensar a logística mais contemporânea dos artefatos modernos, que escondem a morte da vista, transformando a carne em um subproduto, em algo que não associamos, carnívoros que somos, a animais mortos.

Joelma Nascimento tece uma reflexão também sobre o gado, mas não sobre sua morte. A pesquisadora volta sua atenção para a sua sobrevivência em épocas de chuva e seca no sertão paraibano de Piancó. Permeado por relações morais com os humanos, o gado deve sobreviver à estiagem que, ao findar, deixa uma bela paisagem esverdeada onde antes havia apenas tons de areia. É um tipo de contraste que cria beleza natural e constitui, segundo a autora, parte de um modo de vida marcado tanto pela técnica da criação quanto pela moral campesina no contexto sertanejo.

Leandra Holz e Felipe Vander Velden abordam o gado em São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Nessa paisagem distante da realidade nordestina, produz-se leite e o dilema, como no ensaio de Perrota, é parecido, ou seja: modernidade ou tradição? Aqui a modernidade é baseada na criação intensiva e um certo discurso de bem-estar animal, enquanto a tradição é marcada pela criação do gado solto nos pastos, onde a categoria do zelo emerge como uma forma de atenção e cuidado em relação ao animal.

Dos bovinos aos equinos, somos presenteados com mais três ensaios. Eric Barreto pensa sobre cavalos na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Novamente, o eixo tradição/modernidade é acionado para se pensar a presença dos animais naquele contexto, que pastam em áreas verdes em plena urbe, quando normalmente estão associados ao campo. Longe de estarem no lugar "errado", eles nos fazem pensar sobre a cidade e suas relações com os animais.

De volta à paisagem campesina, desta vez em Minas Gerais, o ensaio de Miriam Adelman guarda a poética de encontros entre cavalos, cavaleiros e amazonas, apontando para duas mudanças na relação que mantemos com esses animais: a primeira, um giro ao lúdico e ao esportivo, mais do que ao animal de trabalho; a segunda, uma feminização do público interessado em montá-los. Ambos os fenômenos indicam transformações sociais em relação aos equinos e aos modos de vida na contemporaneidade em nosso país.

Na Ilha do Marajó, por sua vez, Felipe Bandeira Neto e Denise Machado Cardoso elaboram uma reflexão sobre cavalos e cavaleiros a partir de corridas no município de Salvaterra. O movimento, a cooperação, como Adelman também indica, os sentidos mobilizados, como no caso dos odores do Matadouro Municipal que Perrota visitou, são difíceis de serem descritos, mas podem ser fixados e traduzidos a partir das imagens, evidentemente, com um foco no visual.

Luisa Fanaro reflete sobre o trabalho canino na caça às trufas no Chile, baseado na aprendizagem dos cães bem como em seu olfato apurado. É um esforço mútuo e coordenado entre animais e humanos na sua triangulação com as trufas. Um cão trufeiro é adestrado ao serviço que presta desde muito jovem, de forma lúdica, a partir de recompensas alimentares. Aqui também os movimentos do cão e o aroma – que os humanos não sentem – são capturados, sensivelmente, pelas imagens.

Ainda na seara dos animais que trabalham, Gabi di Bella acompanha a jornada da elefanta Rana, de Aracajú para o Santuário Elefantes Brasil, no Mato Grosso, escoltada

pela Polícia Rodoviária Federal. De origem asiática, Rana teria vindo dos Estados Unidos ao Brasil, trabalhando em diversos circos e, posteriormente, doada a um zoológico, indo finalmente viver em uma fazenda. Em toda essa trajetória, a autora se pergunta por quantos maus-tratos a idosa elefanta não teria passado. De certa foram, Rana atualiza as imagens arquetípicas do elefante Jumbo, no século XIX, e demonstra que o moderno poder colonial persiste até hoje, com a ressalva de que agora criamos santuários para animais exóticos retirados da condição de escravidão.

Andréa Osório apresenta uma reflexão sobre o consumo do híbrido de javali e porco doméstico em Minas Gerais. A incursão de campo da autora a levou a aprender a cozinhar o chamado javaporco. Carne de caça, cujo comércio na região é ilegal, está envolta em certos tabus. Os ossos devem ser escondidos, os caçadores nunca são nomeados e seu consumo se classifica na ideia do "provar", não do comer. Pouco apreciada, a carne é de difícil cozimento, demandando uma expertise da/o cozinheira/o tanto para o processo de desossar, quanto de cozinhar e temperar o alimento consumido em segredo.

Outro animal pouco apreciado em relação aos afetos é o tubarão. Camila Maria Santos e Ana Cláudia Rodrigues da Silva debatem os incidentes ocorridos em Pernambuco através das placas que alertam os banhistas a não entrarem na água na Região Metropolitana de Recife em função dos encontros classificados como ataques. Nos últimos anos, vários humanos foram mordidos pelos tubarões no local, ainda assim, muitos se arriscam no mar, onde o banho é proibido, apesar das placas solicitando que não adentrem nas águas habitadas pelos grandes animais.

Por último, Líbera Nunes reflete sobre mariposas e borboletas numa coleção científica. Para além dos próprios insetos, a autora chama a atenção para toda a rede de humanos e não-humanos que envolvem a confecção de uma coleção como a enfocada, acionando questões como natureza/cultura, objeto/sujeito e – mais uma vez, entre os ensaios aqui apresentados – vida/morte. Como ela mesma escreve, "as coleções biológicas modernas são sustentadas não só pela concepção de arquivar o que está sendo extinto, mas de contar uma história evolutiva".

O que temos, portanto, é uma miríade de olhares sobre as relações entre humanos e animais, cada qual enfocando problemas e dilemas que podem tangenciar outros ensaios aqui presentes. Esse é o primeiro dossiê a cruzar as fronteiras da Antropologia das Relações Humano-Animais com a Antropologia Visual e cremos que os autores participantes foram felizes em nos brindar com elementos para pensarmos além de seus próprios ensaios – ponderarmos sobre um campo antropológico propriamente dito, tanto quanto nas formas de fazer este campo.

Por fim, queremos agradecer a todos que fizeram esta publicação possível: os autores, os editores, os leitores, os interlocutores e ao BIEV/UFRGS.

Referências

BAKER, Steve. The postmodern animal. Reaktion Books: London, 2008.

BATESON, Gregory. Cybernetic Explanation. In: Steps to an ecology of mind. Collected Essays In Anthropology, Psychiatry, Evolution, And Epistemology. San Francisco: Chandler Pub, 1972, pp. 405-416.

BERGER, John. Why look at animal? Penguin Books: NY, 2009.

DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. Perspectiva: São Paulo, 1976.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. Perspectiva: São Paulo, 1993.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Les mots, la mort, les sorts. Gallimard: Paris, 1977.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Papirus: Campinas, 1990.

HARAWAY, Donna J. Staying with the trouble. Making in the Chthulucene. Duhram and London: Duke University Press, 2016.

KALOF, Linda; MONTGOMERY, Georgina M. (Eds.). Making animal meaning. Michigan State University Press: Michigan, 2011.

LATOUR, Bruno. Face à Gaia. «Huit conférences sur le Nouveau Régime Climatique". Paris: La Découverte, 2015.

LESTEL, Dominique. Les origines animales de la culture. Flammarion: Paris, 2009.

MACIEL, Maria E. O animal escrito. Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MOORE, Jason W.(Ed.). Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: Kairos Books, 2016.

MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. Para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANSOT, Pierre. Les formes sensibles de la vie sociale. PUF: Paris, 1986.

SIMMEL, Georg; FRISBY, David; FEATHERSTONE, Mike. Simmel On Culture: Selected Writings. Theory, Culture & Society, Sage Publications, 1997.

Matadouro Municipal

Municipal Slaughterhouse

Ana Paula Perrota [1]
anapaula_perrota@hotmail.com
http://lattes.cnpq.br/0656718837300646
https://orcid.org/0000-0003-1321-2187

1 - Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFRRJ)

Resumo: Este ensaio fotográfico tem como objetivo captar situações vivenciadas cotidianamente entre humanos e bois em um matadouro municipal. E mais do que mostrar o cotidiano do abate no que se refere a atividade de matar animais para transforma-lo em carne, que na modernidade foi constituída em termos materiais e moral para não ser visto, são justamente as múltiplas expressões da socialidade mais que humana nesse ambiente que busco apresentar com os registros fotográficos aqui expostos.

Palavras-chave: Relação humano-animal; mercado da carne; antropologia da alimentação.

Abstract: *This photographic essay aims to capture situations experienced daily between humans and cattle in a municipal slaughterhouse. And more than showing the daily life of slaughter in terms of the activity of killing animals to turn them into meat, which in modernity was constituted in material and moral terms so as not to be seen, these are precisely the multiple expressions of a more than human sociality. It is in this environment that I seek to present with the photographic records shown here.*

Keywords: *Human-animal relationship; meat market; food anthropology*

O abate de animais para consumo de carne passou por transformações importantes na passagem do século XIX para o século XX. Do ponto de vista historiográfico, essas transformações idealmente implicaram na passagem de um modo de produção artesanal e tradicional para um modo de produção industrial e moderno. Além da busca pela produtividade e controle sanitário, a busca pela ocultação da morte dos animais também foi um elemento central dessas transformações. (VIALLES, 1987; REMY, 2009). O abate de animais, que ocorria em vias públicas, centralizou-se em lugares distantes dos centros urbanos e entre muros.

Em 2012 realizei trabalho de campo no interior do Maranhão. Essa pesquisa, que resultou em parte da minha tese de Doutorado, buscava compreender como os pressupostos éticos em torno do bem estar animal e do abate humanitário produziam efeitos sobre a rede de produção da carne (PERROTA, 2015)[1]. Para tanto estava previsto uma visita ao frigorífico industrial. Não sabia da existência do matadouro municipal e, por isso mesmo, essa atividade não estava prevista no roteiro de pesquisa. A visita ao frigorífico não foi fácil e aconteceu em razão de um acaso que poderia chamar sorte. O contato por telefone diretamente com a empresa não resultou em autorização para a visita. Mas na cidade, entrevistei uma engenheira de alimentos, professora do Instituto Federal, que realizava pesquisa sobre a qualidade da carne. Durante a conversa descobri que minha interlocutora não só era antiga funcionária do frigorífico, como possuía contato pessoal com o atual, naquele momento, gerente de produção. Por meio de uma ligação, ela conseguiu viabilizar minha entrada.

Começo esse texto tratando do frigorífico para enfatizar o contraste em relação ao matadouro, que longe de colocar qualquer barreira a minha entrada, na verdade fez um chamamento. Na cidade, todas as pessoas que conversava, tanto aquelas que faziam parte da pesquisa quanto as que não, diziam de modo enfático: você tem que conhecer o matadouro!, ainda que fizessem o alerta acerca do que veria, pois diziam que não seria fácil. Diante dessa convocação e já visualizando um circuito do mercado da carne que contrastava com as mudanças mencionadas no início do texto, fui ao matadouro com curiosidade. E o contraste com o frigorífico já se anunciava nesses diálogos que travei: é só chegar la? Ao que ouvia: sim, é só chegar. E de fato, era.

O matadouro estava localizado em um bairro residencial, às margens da BR010, de fácil acesso e sem qualquer impeditivo para quem quisesse circular e acompanhar suas atividades. Inclusive crianças.

O abate de animais para alimentação nas sociedades modernas constitui-se como um objeto tabu, sanitário e um problema ético. Mas o matadouro (assim como o frigorífico) não é somente isso. Trata-se de um lugar em que humanos e animais se relacionam entre si e de um modo ou de outro precisam lidar com o sofrimento e a morte. Cotidianamente pessoas e animais se juntam para diferentes atividades. No matadouro, além da atividade propriamente de abate, existe também um mercado entre donos de animais e donos de açougue que negociam a carne a partir de interações com os animais ainda vivos (PERROTA, 2017). Nesse ambiente, o cheiro que se sente, os insetos, outros animais e o sangue que se observa, as vísceras e ossos que se extraem e a carne que se produz ocorrem em meio a uma socialidade mais que humana (TSING, 2019) que carrega um trabalho duro mas que não excluem, por exemplo, situações jocosas entre os humanos e entre os humanos e animais. E mais do que mostrar o cotidiano do abate, que na modernidade foi constituído em termos materiais e moral para não ser visto, são justamente tais situações que busco apresentar com os registros fotográficos aqui expostos.

Cabe ressaltar que obviamente não está posto aqui uma romantização desse ambiente que produz acidentes e adoecimentos entre os trabalhadores em razão tanto das condições precárias de trabalho quanto da própria natureza da atividade em questão. Assim como não se trata de minimizar o fato de que ainda que não se fale de cadáveres, já que o animal morto se torna carne, o que se tem é a morte cotidiana contada às dezenas, centenas e milhares de animais.

Referências

PERROTA, Ana Paula. Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeitos de direito. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

_____. Modalidades de produção da carne bovina em Açailância, MA: os conflitos em torno da coexistência de uma rede global e local de produção da carne. In: Neide Esterci; Maria José da Silva Aquino Teisserenc; Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior. (Org.). Territórios, mobilizações e conservação socioambiental. 1ed.São Luís: EDUFMA, 2016, v. 1, p. 383–414.

RÉMY, Catherine. La fin des bêtes. Paris: Economica, 2009.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIALLES, Noelie. Le sang et la chair. Ed. De la Maison des sciences de l´homme. Paris : 1987.

Seca e criação de gado na Paraíba: a composição de uma moralidade sociotécnica

Dry and cattle in Paraíba: the composition of a sociotechnical morality

Joelma Batista do Nascimento [1]
batistajoelma10@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-2957-0210
http://lattes.cnpq.br/1788679226819291

1 - Professora Auxiliar Universidade de Pernambuco. Doutora em Antropologia pela UFSC, pesquisadora do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA/UFSC).

Resumo: O ensaio fotográfico versa sobre a criação de gado na Paraíba entre agricultores familiares. Um tipo de atividade marcada por duas estações: inverno e seca (verão). Eu retrato a seca, a constituição da paisagem, não somente por fenômeno de ordem natural, mas também pela dimensão social. Não deixar os animais morrerem por falta de água ou pasto na seca é um dever moral. Alimentar cria um campo de saberes, trocas e parcerias entre os criadores e relações afetivas com os animais. Pensar a seca como uma moralidade sociotécnica é colocar em destaque essa dimensão social regida por conhecimentos técnicos, valores morais e afetivos.

Palavras-chave: Criação de gado; moralidade sociotécnica; seca.

Abstract: *The photographic essay deals with the cattle raising on Paraíba State, on Northeast Brazil, among familiar farmers. It's a type of activity marked by two seasons: winter and dry (summer). In this article, it's highlighted the drought, the landscape constitution, not only through a natural phenomenon, but also through its social dimension. Avoiding animal deaths due to lack of water scarcity or pasture during drought is a moral duty. Feeding the cattle creates a field of knowledge, cultural exchange between creators and a partnership relation with animals. To understand the drought as a sociotechnical morality is to highlight this social dimension mastered by technical knowledge, moral and affective values.*

Keywords: *Cattle raising; sociotechnical morality; drought.*

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) coloca em cheque como a região Nordeste no Brasil se constituiu a partir de uma abordagem imagética e discursiva pela seca. Na música Asa Branca composta em 1950 por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, o êxodo rural é decorrente da seca, pois sem água, plantas ou animais não podem ser cultivados ou alimentados.

Em 2016, quando passei a residir em Florianópolis, ouvia com frequência, sempre quando mencionava a minha regionalidade, a miséria social do "norte", a migração em busca de trabalho e a impossibilidade de manter atividades agropecuárias devido ao clima local. O discurso da seca se baseava em imagens de vegetação seca, solos rachados e animais mortos.

O espanto que a vegetação provoca num cenário de contrastes definido por estação chuvosa (inverno) e estação seca (verão) tende a nos fazer ver e pensar a partir de uma perspectiva de determinismo geográfico, em que as condições climáticas ditam o modo de existência local. As etnografias, o trabalho antropológico, nos permite repensar essas lógicas.

Evans-Pritchard (1999 [1940]), ao iniciar sua pesquisa entre os Nuer também ficava perplexo com as mudanças drásticas entre as estações chuvosa e seca. À medida que conheceu a organização social e política dos pastores nômades, criadores de gado, compreendeu que a questão ambiental não deveria ser pensada como um determinismo geográfico, mas como uma dimensão integrada à organização social e política da sociedade.

Por ser natural de Piancó, sempre pensei a questão climática pelo modo como vivenciamos o cotidiano. O ritmo e mudanças em cada estação se tornam parte de nosso modo de vida: as relações sociais e com a natureza que estabelecemos. Os fluxos de migração geralmente estão associados à busca por mercado de trabalho, mas esse fio não é tecido exclusivamente por períodos longos de estiagem, mas, sobretudo, pelo contexto socioeconômico local.

Quando passei a residir com as famílias dos criadores de gado, ao vivenciar o trabalho nas duas estações (chuvosa e seca), pude refletir e repensar como a questão ambiental cria uma dinâmica social por trocas de conhecimentos e prestações de serviços para alimentar os animais na seca. Um vínculo social, fundamentado num dever moral de dar, receber e retribuir, como descreve Mauss na teoria da dádiva (2003 [1925]), fundamental para a prevalência dessa economia.

A imagem da seca que conheço é uma configuração que incorpora os aspectos naturais da paisagem, as trocas de saberes entre os criadores para alimentarem os animais e os vínculos afetivos que se estabelecem, especialmente com as vacas leiteiras. Saberes e valores morais que reconfiguram a própria paisagem, seja com o processo de irrigação, divisão do espaço com cercas, aproveitamento dos restolhos do plantio de milho ou a inserção de palma forrageira (Opuntia cochenilliferao).

É com base nesses pressupostos, de conhecimentos técnicos, de valores morais e afetivos, que são compartilhados pelos criadores, que eu defino a seca como um fio que tece uma moralidade sociotécnica (Nascimento, 2021). Um princípio moral que rege as ações e formula estratégias pelo compartilhamento de conhecimentos e trocas de parcerias entre os criadores para "não deixar os animais morrerem por falta de água ou pasto na seca".

Pensar o contexto rural e sua dinâmica por valores morais é uma temática central na literatura campesina (Brandão, 1999; K. Woortmann, 1990). Toda sua dimensão de trabalho, que envolve a terra, agricultura e criação de animais não podem ser compreendidas se pensadas apenas em termos utilitários. Este ensaio fotográfico é uma narrativa da relação moral dos criadores com os animais através da dimensão de cuidados para alimentá-los.

O sistema de criação adotado tem como base alimentar o pasto. Os animais são criados à solta em espaços delimitados por cercas de arame farpado e arame liso com corrente elétrica (cerca de choque). As cercas delimitam espacialmente a quem pertence a terra e a mobilidade dos animais (dentro ou fora do espaço). As cercas de choque são utilizadas na época de seca para poupar e produzir pastagem com uso de irrigação. Como os animais são impedidos de circularem e comerem diretamente o pasto, ele cresce mais rápido e tem uma maior rentabilidade.

Cerca de choque na propriedade do criador Zezinho. Comumente animais como ovinos ou caprinos atravessam por baixo. Sítio Santa Cruz, 2018.

Vacas são proibidas de comerem dentro do cercado de pastagem. Sítio Santa Cruz, 2018.

Criador Negada corta o capim e alimenta suas vacas leiteiras fora do cercado de pastagem. Sítio Santa Cruz, 2018.

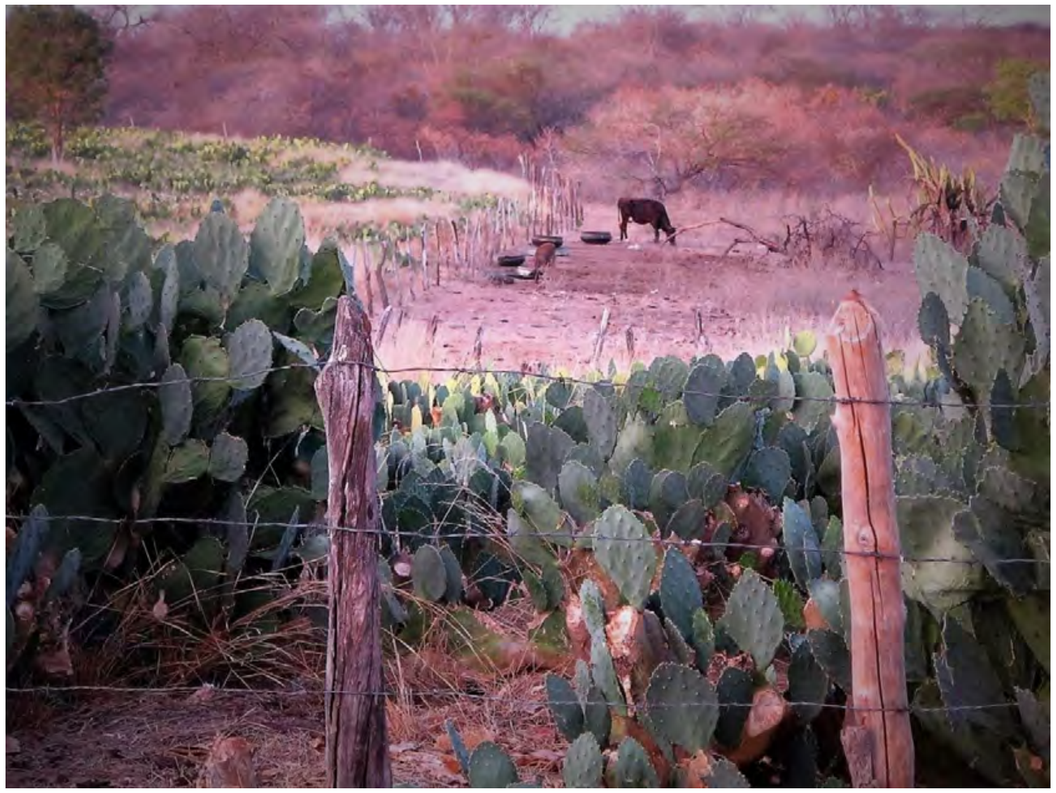
Para irrigação os criadores se utilizam de estoque de água individual, poço artesiano, ou água dos rios. À medida que os meses de seca se prolongam, geralmente entre julho a dezembro, o nível de água vai diminuindo. A água se torna prioridade para saciar a sede dos animais e pode ser barrada para uso de irrigação.

Nível do rio permissível à utilização para irrigação. Sítio Santa Cruz, 2018.

Água do rio é bombeada para encher as cocheiras dos animais.

Açude em período de seca/setembro. Sítio Palha Amarela, 2018.

A plantação de palma forrageira é uma alternativa alimentar entre os criadores que dispõem de um menor volume de água. Enquanto o capim necessita de doses diárias de água, a palma só precisa ser irrigada em intervalos longos na seca, em média de 3 a 4 meses.



Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.

O cultivo de milho, principal componente da ração seca ofertada as vacas leiteiras, é uma atividade fundamental para diminuir os custos. Ao ser efetuado a colheita os animais são inseridos no cercado com restolhos, se alimentando deles. Essa é uma prática comum em todo território paraibana (Garcia Jr., 1989).

Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.

Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.

Vacas do criador Antonio se alimentando de ração seca.

Referências

ALBUQUERQUE JÙNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O afeto da terra. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1940].

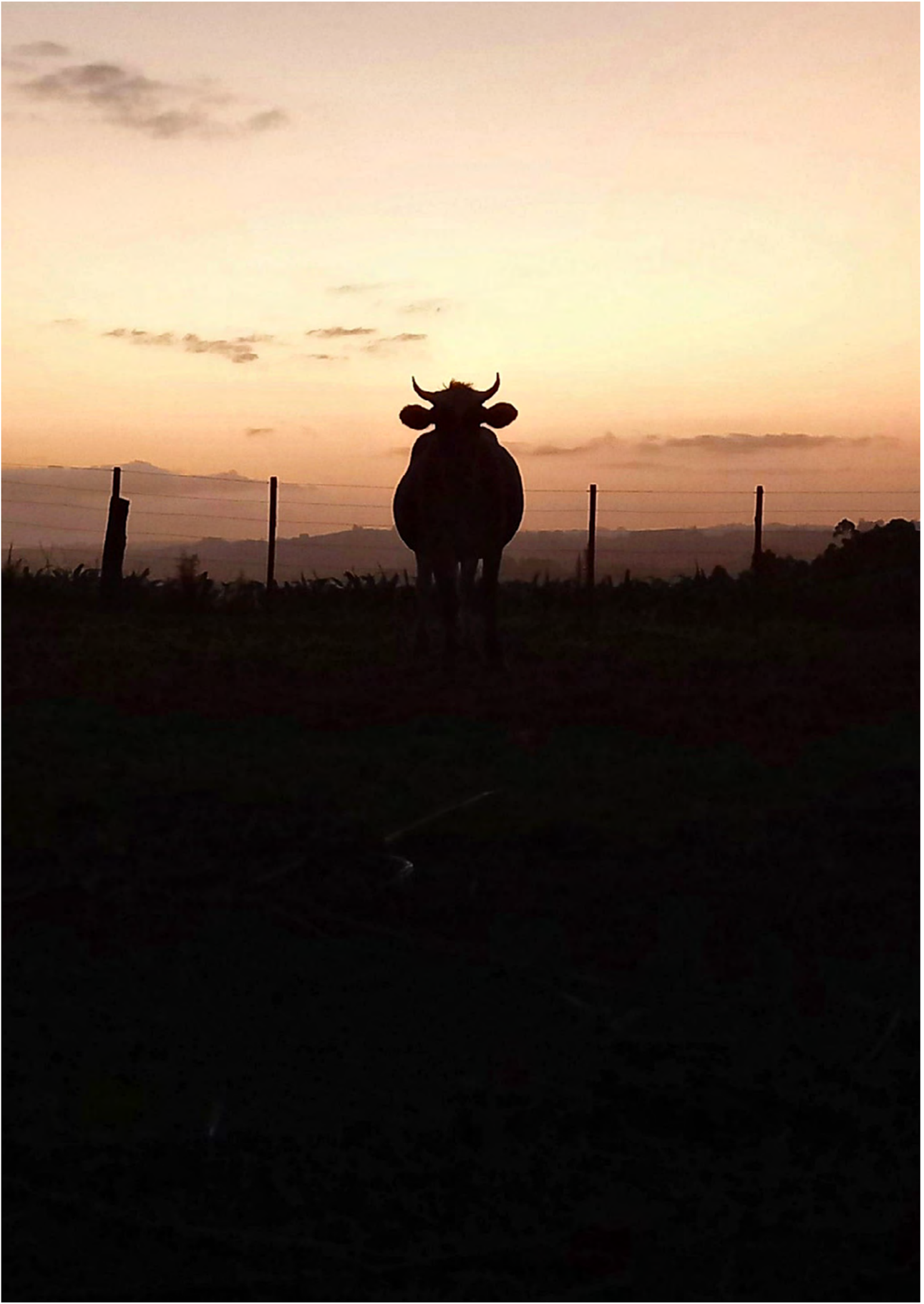
GARCIA JR, Afrânio Raul. O Sul: caminho do roçado : estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

GONZAGA, Luiz. Asa Branca. Disco RCA Victor 80/0510/B, 1947.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva — Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, p. 183–294, 2003 [1925].

NASCIMENTO, Joelma Batista do. Criações de gado na Paraíba: tecendo a sobrevivência, domesticando afetos. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

WORTEMANN, Klass. “Com parente não se neguceia” O campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico, 87. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.



O que está fora do conforto

What is left out of comfort

Leandra Holz [1]
leandraholzholz81@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9848-0003
http://lattes.cnpq.br/9263932861837948

Felipe Vander Velden [2]
felipevelden@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-5684-1250
http://lattes.cnpq.br/7289231173735671

1 - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
2 - Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo: Este ensaio deseja evidenciar o contraste entre duas formas de conforto oferecidas às vacas leiteiras entre produtores de leite cooperados na região de São Lourenço do Sul/RS. Um é o conforto garantido por modalidades modernizadoras de confinamento cada vez mais incentivadas pela cooperativa em questão em nome do aumento da produtividade dos animais, e que implica em uma modalidade de isolamento. Outro é o conforto como zelo pelas vacas criadas soltas em uma paisagem multiespecífica muito mais rica e sintonizada com os sons, cores, cheiros e texturas do mundo.

Palavras-chave: conforto; vacas; confinamento; paisagem multiespecífica.

Abstract: *This essay aims to highlight the contrast between two forms of comfort offered to dairy cows by cooperative milk producers in the region of São Lourenço do Sul/RS. One is the comfort guaranteed by modernizing confinement structures increasingly encouraged by the cooperative in question in the name of boosting the productivity of the animals, and which implies a modality of isolation. Another is comfort as care for the cows raised loose in a multispecific landscape that is much richer and in tune with the sounds, colors, smells and textures of the world.*

Keywords: *comfort; cows; confinement; multispecies landcape.*

O discurso cada vez mais agressivo em favor da modernização das práticas da criação animal propagados pelo agronegócio brasileiro tem focalizado, entre outras diretrizes, na oferta de um maior conforto aos animais de criação, explorados para os mais diversos fins: os animais ficam à sombra, com gigantescos ventiladores sobre eles, sistemas de umidificação de ambientes, camas de areia, feno, palha, pó de serra e até mesmo colchões de borracha em que podem ficar deitados pelo tempo que quiserem, não precisando buscar pelo alimento pois recebem uma dieta nutricional balanceada e água de poço artesiano, sem contar que estão sempre, diz-se, limpos e sadios.

Produtores de leite, criadores de vacas leiteiras, têm igualmente louvado os benefícios do confinamento. Primeiro, o conforto dos animais: "as vacas estão muito mais confortáveis estando confinadas. Antes, podiam circular pelos campos, potreiros e pastagens, mas, por outro lado, ficavam sujeitas às temperaturas altas do verão, aos longos períodos de chuva do inverno, ao deslocamento até o pasto e até mesmo suscetíveis à doenças transmitidas por outros animais, principalmente por meio dos açudes, que são os principais reservatórios de água quando o gado vive solto" — disse, em janeiro de 2023, um produtor de leite cujo investimento nas novas instalações já alcançam o montante de 1 milhão de reais. Ato contínuo, ele acrescenta que só por ter alocado suas vacas no galpão de confinamento, teve um aumento imediato na produção de cinco litros de leite por vaca, uma vez que o objetivo do conforto, ao fim e ao cabo, é a produtividade, sempre.

Sendo o trabalho um valor central para essas famílias pomeranas, mostrar-se bem-sucedido perante a comunidade parece ser motivo de honra e prestígio. A vida difícil de antigamente, memória ainda viva para essa comunidade, somada a certa ética do trabalho presente nos princípios luteranos de "continue fazendo aquilo que é apto a fazer", forma um modo de vida em que ganhar dinheiro é bastante valorizado. E mostrar isso por meio de belos jardins, casas bem-acabadas, estruturas produtivas modernas e eficazes economicamente, se não é um objetivo a ser alcançado, a cooperativa e outras empresas valem-se disso para fazer circular ideias de sucesso e conforto típicas de um discurso que busca eliminar o "atraso", o "tradicional", o "amadorismo", a produção em pequena escala. E, com isso, garantir um maior lucro, tornar-se um "caso de sucesso" a ser replicado, o que inclui também as vacas, que devem ser "boas, bonitas e rentáveis".

Para além do já conhecido debate entre bem-estaristas e abolicionistas em torno da causa animal (Perrota, 2015), trata-se, afinal, de refletir sobre esta categoria do conforto, à luz do que pensam os defensores do confinamento (suposta ou alegadamente) confortável e, por outro lado, das múltiplas formas de convívio entre humanos, animais e outros seres outros-que-humanos em paisagens multiespecíficas. Convivência cuja negociação é um constante e permanente desafio regido por regras muito distintas daquelas escritas nos manuais de operação do maquinário moderno ou nos protocolos cada vez mais complexos do assim chamado bem-estar animal.

Muitas famílias pomeranas no município gaúcho de São Lourenço do Sul, organizadas por meio da Coopar — Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda., estão vivendo este dilema hoje. Pressionadas por normativas técnicas emanadas do governo federal, pelos celebrados ganhos de produtividade e por uma lógica que, de certo modo, contraria o cooperativismo e o aproxima cada vez mais da grande empresa agroindustrial (Holz, 2022), elas vêm sendo sutilmente incentivadas a confinar seus animais para produzirem mais leite. Desde 2018, contudo, a Coopar perdeu 300 famílias produtoras de leite que, segundo os parâmetros do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), não se "enquadravam mais" na atividade, seja pela baixa produção ou por não conseguirem acompanhar os altos custos em novas instalações e maquinários exigidos pelas normativas.

Mas será o trabalho produtivo, hoje em dia, fruto apenas da sua medição em termos de produtividade — ou seja, sua contínua escalabilidade? Muitas dessas famílias não querem ou não planejam confinar seus animais. Talvez porque vejam o conforto merecido pelos animais não como uma cama mais macia, ventiladores ou umidificadores, mas no contato com a terra e a grama, no fruir da luz do sol, no convívio multiespecífico de uma pequena propriedade rural. Em um desses dias quentes do verão gaúcho, em uma propriedade familiar na região, um produtor de leite explicava o mais recente investimento em um sistema de confinamento das suas vacas leiteiras. Aquele projeto industrial com uma grande estrutura de concreto, ferro e zinco, parecia não fazer parte daquela paisagem. Mesmo assim, ali mesmo algumas vacas que não estavam em lactação se refrescavam contentes em um açude, todas juntas, desfrutando da companhia uma da outra. Vendo aquela imagem, o produtor explicou: "É isso, Leandra. Olha o que essas vacas estão fazendo" — disse, em tom de reprovação. "Esse açude pode ser um grande transmissor de doenças, já que as vacas, por estarem relaxadas, defecam na água ao mesmo tempo em que a bebem. Sem contar as doenças transmitidas por outros animais por meio dessa água. Confinadas, recebem água limpa, comida adequada para sua genética, não ficam expostas à contaminações, nem sujas por uma mistura de lama com seus dejetos. Também não precisam estar debaixo desse sol ardente". O contraste com a área coberta do confinamento, com seus grandes ventiladores e a cama fofinha de serragem de pinus e casca de arroz, era evidente.

Parece pois, haver um contraste entre duas formas de pensar o conforto animal e os cuidados com eles. Uma é o conforto garantido por modalidades modernizadoras de confinamento cada vez mais incentivadas pela cooperativa em nome do aumento do controle da higiene, da saúde e, claro, da produtividade dos animais. Outro é o conforto das vacas ou cuidado como "zelo", como se diz por lá, pelos animais criados soltos em uma paisagem multiespecífica muito mais rica e sintonizada com os sons, cores, cheiros e texturas do mundo. As inter-relações entre esses dois modos de convívio humano-animal ainda estão por ser compreendidas, uma vez que, do ponto de vista dos produtores de leite cooperados, talvez não se oponham de modo tão claro. Como mostram várias etnografias, "cuidado" e "controle" parecem combinar-se de formas complexas no contínuo que vai da pequena criação familiar ao grande negócio da produção industrial de animais (Singleton, 2010).

Fanaro (2021) argumentou que toda reflexão sobre formas de confinamento deve necessariamente interrogar não só o que é posto (muitas vezes forçadamente) para dentro, mas igualmente o que fica de/para fora de arquiteturas, estruturas ou relações de contenção. Este ensaio olha para este estar fora do confinamento, ainda que este modo de controle ainda figure tão somente nas ideias, desejos ou projetos de muitas das famílias de cooperados pomeranos no sul do Rio Grande do Sul. Famílias que, de certo modo, atendem ao chamado de Jocelyne Porcher (2014) pela celebração do convívio multiespécies nas pequenas propriedades rurais. Nada de bucolismo. Apenas o reconhecimento da riqueza da vida compartilhada com os animais outros-que-humanos: no cuidado diário que empreende, no olhar atencioso a cada vaca, cada cria, na forma como se as conhece e diferencia, no toque e na forma como se as chama. "Se estou em meio as vacas, pra mim é tudo" — disse uma criadora. Mas não se pode estar propriamente "no meio das vacas" quando estas estão em confinamento. Só se pode estar entre elas quando se está fora do conforto. Pelo menos, do conforto que se prega nas cartilhas da moderna zootecnia.

Referências

FANARO, Luisa. 2021. Arquiteturas da domesticação, arquiteturas contra a invasão: cães ferais e paisagens reconfiguradas no Cone Sul (Brasil, Chile e Argentina). Ñanduty, 9(13): 152–177.

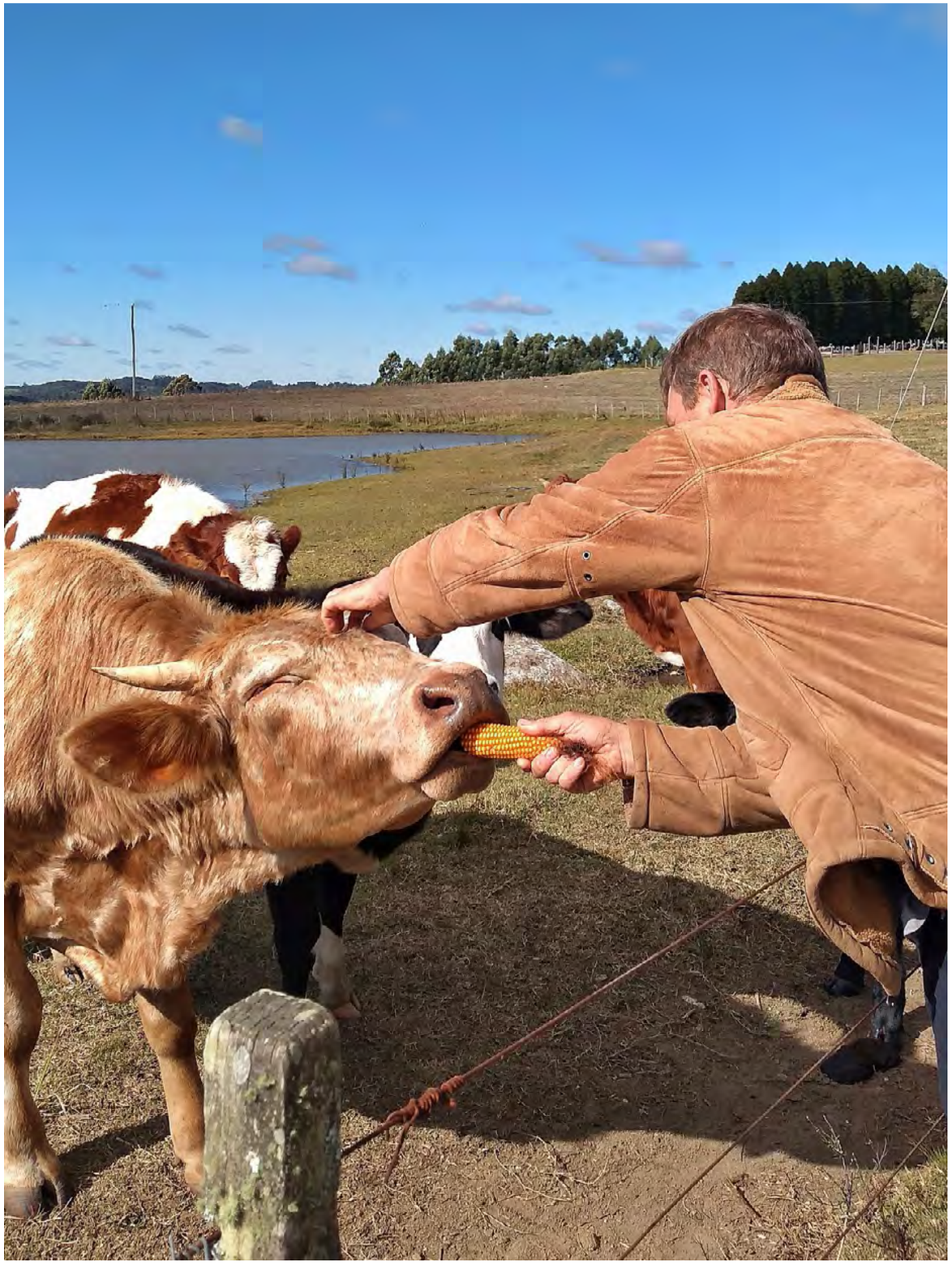
HOLZ, Leandra. 2022. A profissionalização em cooperativas como um mecanismo de poder: um estudo de caso da Coopar. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

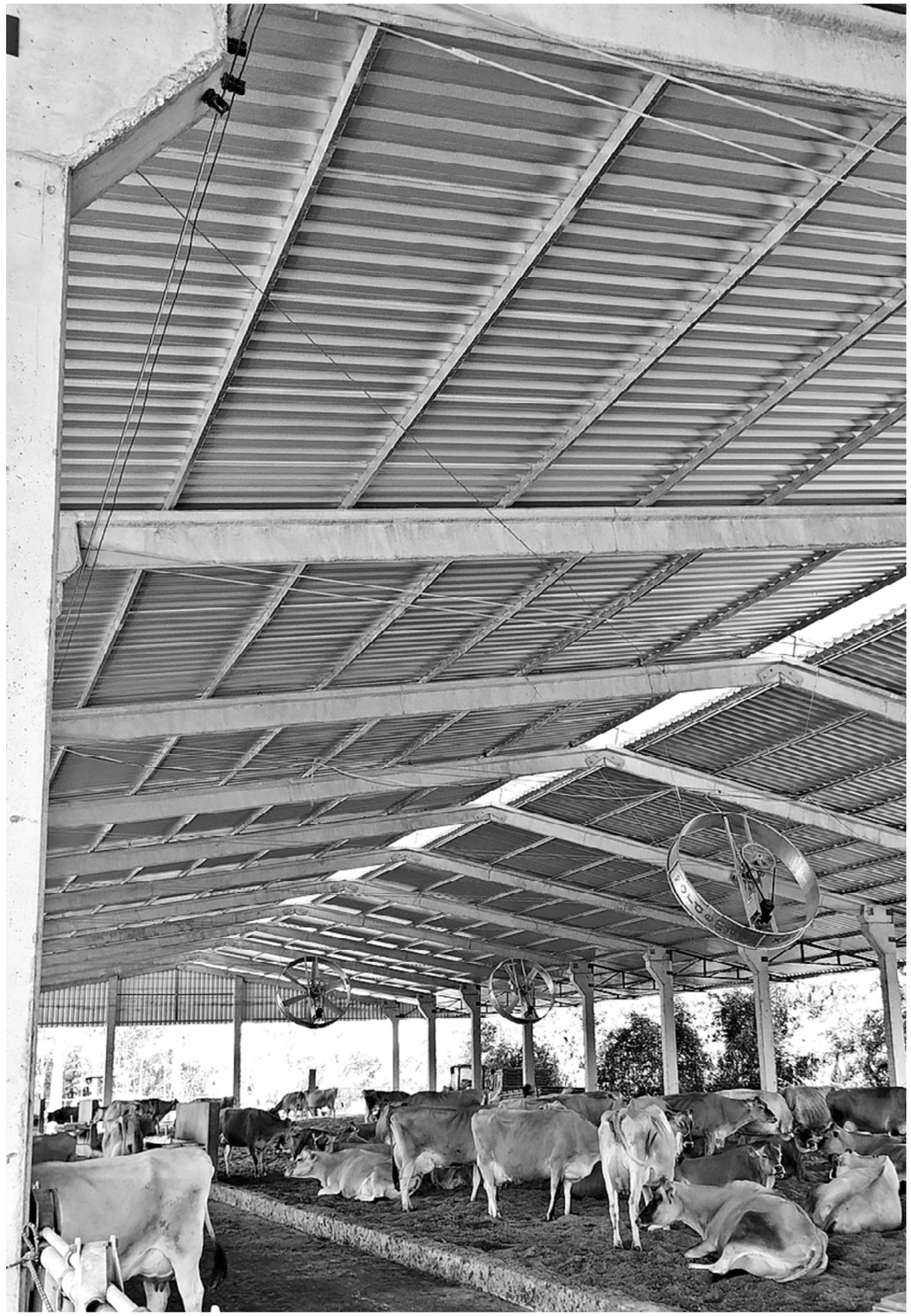
PERROTA, Ana Paula. 2015. Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeitos de direito. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) — Instituto de Filosofia e Ciências Sociaias, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PORCHER, Jocelyne. 2014. Vivre avec les animaux: une utopie pour le XXIe siècle. Paris: Le Découverte.

SINGLETON, Vicky. 2010. Good farming: control or care? In: MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette (eds.), Care in practice. Bielefeld: Transcript Verlag.

Todas as fotografias deste ensaio são de autoria de Leandra Holz, com exceção da foto de capa, cujo autor é Leisner Ivan Holz.;





Cascos na calçada: o que os cavalos errantes nos dizem?

Hooves on the pavement: what do the wandering horses tell us?

Eric Silveira Batista Barreto [1]
ericsbbarreto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-6334-4391
http://lattes.cnpq.br/5900778041707870

1 - Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Resumo: As imagens aqui apresentadas integram uma tese de doutorado em Antropologia que abordou a discussão sobre a proibição dos veículos de tração animal na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Durante o trabalho de campo, se destacou o significativo número de cavalos soltos em algumas áreas da cidade, fenômeno registrado em fotos como parte de um esforço reflexivo sobre o que representa.

Palavras-chave: antrozoologia; ecologia política; trabalho; tração animal.

Abstract: *The images presented here are part of a doctoral thesis in Anthropology that addressed the discussion about the ban on animal traction vehicles in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. During fieldwork, the significant number of stray horses in some areas of the city was highlighted, a phenomenon registered in photos as part of a reflexive effort about what it represents.*

Keywords: *anthrozoology; political ecology; labor; animal traction.*

Toda paisagem humana é também animal. Não apenas porque humano é animal, fato tão óbvio quanto submerso em nossos enunciados cotidianos, mas fundamentalmente porque a existência humana está entrelaçada a de muitos outros seres vivos; de todos os reinos, é claro, mas com um componente significativo do Animalia.

Muitas questões seguem em aberto sobre os inícios da domesticação de animais. Não é possível afirmar, com certeza, qual foi a primeira espécie domesticada, nem onde e nem por quem. Mas antes que nos aproximássemos de qualquer coisa que possa ser nomeada domesticação, já vivíamos em comensalidade com outros animais e, se quisermos recuar a tempos ainda mais remotos, o protagonismo animal em nossas paisagens não se embota, pelo contrário.Se hoje relacionamos as paisagens interespecíficas às espécies domésticas é devido à sua importância e proximidade, mas o advento da domesticação dificilmente pode ser considerado, em termos absolutos, uma transição para uma vida humana com mais protagonismo não humano. Inicio assim este texto para pontuar o quanto a domesticação é um processo, ao contrário de um evento, e o quanto inclui negociações entre agentes humanos e não humanos.

Este conjunto de imagens integra minha tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Pelotas, em fevereiro de 2022. Intitulada Cascos no asfalto: etnografia das interações urbanas entre cavalos, humanos e outros bichos, teve como proposta inicial a aproximação das discussões sobre a proibição de veículos de tração animal na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Ao longo do trabalho de campo comecei a me interessar mais pela presença de cavalos soltos em diversas áreas da cidade, incluindo a que resido. Tendo parte da etnografia coincidido com o primeiro ano da pandemia de covid-19 e, portanto, sendo prejudicada minha interação com interlocutores, percebi que podia, ainda assim, colher elementos indiretos de sua presença, mediados pelos animais que sobrepassavam em número os de nossa espécie nas ruas quase desertas durante a época mais aguda da pandemia.

Estas imagens são entendidas como instrumentos teórico-metodológicos de investigação sistemática, como diz Guran (1986). A metodologia de Magni e Bruschi (2005), de interagir com interlocutores também através de seus vestígios, foi adaptada para esta pesquisa. Os cavalos urbanos exemplificam como nossa relação com o que chamamos natureza é uma constante negociação, na qual nem sempre somos a parte dominante.

É preciso incluir a contribuição dos Animal Studies ao estudar a noção de modernização (OSÓRIO e SILVEIRA, 2019), percebendo que as expectativas modernas dependem de delimitações das outras espécies nos espaços que consideramos nossos. A permanência desses animais, nesses locais, é sintomática dos conflitos por espaços comuns a tantas cidades. Flávio Silveira (2016) salienta a importância que áreas verdes têm para as sociedades modernas urbano-industriais. Não se discute a relevância de espaços assim para o bem-estar das pessoas. É preciso, contudo, lançar um olhar também para populações que ocupam precariamente os limites da zona urbana, não raro frutos do êxodo rural e conservando saberes relativos à criação e ao cultivo, adaptados ao contexto urbano.

Outra coisa que podemos dizer sobre o trânsito desses equinos urbanos é a sua estreita relação com a vegetação que cresce pelas calçadas. As fotos deixam explícito que não apenas terrenos e parques fornecem pasto, mas também passeios e canteiros ordinários. A possibilidade de crescimento dessas plantas, por sua vez, convida à reflexão sobre a relação humana com o ambiente urbano em um nível mais profundo. Sugiro a quem veja essas fotos que deite sua atenção também aos seres vegetais que protagonizam as cenas.

A presença de cavalos e plantas é o que podemos chamar de paisagem coexistencial interespecífica na urbe (SILVEIRA e SILVA, 2017). É pertinente não esquecer que, ao pastar pelas ruas, a maioria desses animais está em folga e se preparando para seu atrelamento rotineiro às carroças, momento em que podemos evocar o que Latour (2012) chama de "coletivos híbridos". Tudo isso torna conveniente a aproximação do conceito de socioanimalidade, a fim de "repensar a sociedade em sua diversidade interespecífica, multiespecífica, transespecífica." (Vander Velden et al., 2019, p.7).

Referências

GURAN, Milton. Fotografia e pesquisa antropológica. In: Caderno de Textos –Antropologia Visual, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1986, pp 66–69.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MAGNI, Claudia; BRUSCHI, Mauro. Em busca do nomadismo da imagem. In: SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. São Paulo, Hucitec, 2005.

OSÓRIO, Andréa e SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Editorial Dossiê Animais e Antropologia. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 7, n. 2, pp. 01-09. 2019.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 42, pp. 288–315, ago/dez, 2016.

_____.; SILVA, Matheus Henrique Pereira da. Dos galhos às grades: cotidiano e relações interespécies no "Bosque". Reflexões sobre as interações face a face entre humanos e macacos-de-cheiro (Saimiri sciureus sciureus) na cidade (Belém-PA). In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 99–127, maio/ago. 2017.

VELDEN, Felipe Vander et al. Tudo que respira, conspira. Introdução ao dossiê Socioanimalidades plurais: animais e humanos nas Ciências Sociais. In: REVISTA FLORESTAN , v. 7, p. 6–10, 2019.

PARE

Destinos imbricados: expressões de uma cultura equestre popular

Interlocking destinies: expressions of a popular Brazilian equestrian culture

Miriam Adelman [1]
miriamad2008@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4482-2578
http://lattes.cnpq.br/1512074830811621

1 - Professora sênior da Universidade Federal do Paraná, Programas de Pós-graduação em Sociologia e em Estudos Literários. Bolsista Sênior UFPR pelo PPGSociologia, e Bolsista Produtividade CNPq, nível 2.

Resumo: Este ensaio fotográfico pretende, a partir de imagens do cotidiano, e de um dia de festa, visibilizar o laço entre humanos e equinos que continua preservando-se, em comunidades rurais e semirrurais em diversas regiões do Brasil. Neste caso, trata-se de moradores de Serra do Cipó, em Minas Gerais. Mostro a participação de adultos e crianças, mulheres e homens num mundo equestre que em um mesmo movimento, evoca um legado histórico e se adapta aos desafios do presente.

Palavras-chave: Humanos e equinos; cultura equestre popular; comunidades rurais; Serra do Cipó; Minas Gerais.

Abstract: *This photo essay uses images from daily life, and from a day of festivity, to evoke the human-horse bonds that are maintained in many Brazilian rural and semi--rural communities throughout the country. In this case, my lens captures moments of time I spent with members of a community in Serra do Cipó, in Minas Gerais. Adults and children, men and women who take part in local equestrian traditions, are heirs of a long local legacy, but adapt to the challenges of the present.*

Keywords: *humans and equines; popular equestrian culture; rural communities; Serra do Cipó; Minas Gerais.*

Os cavalos sempre fizeram parte da minha vida — primeiro, como fantasia e ficção, e depois, como animais reais com os quais procurei conviver, e com os quais muito aprendi, ao longo dos anos, em tempos e fases diferentes. Como estrangeira que se mudou para o Brasil no início dos anos 1990, minha descoberta da onipresença equina neste país tornou-se uma grande chave de imersão em realidades que me eram desconhecidas. Levou-me por caminhos distantes dos corredores e salas e aula da universidade onde lecionava, para uma vida que pulsava em outros ritmos. Por uma rota que me levou ao conceito de 'cultura equestre popular brasileira', cunhado por mim para condensar as múltiplas expressões da ubiquidade equina que percebi em comunidades rurais e semirrurais em todo o país.

Talvez o fato de os cavalos terem historicamente feito parte fundamental dos processos que nos tornaram o que somos, como humanos, ainda não tenha sido verdadeiramente compreendido. O que não surpreende, se considerarmos a reticência humana de pensar na história para além das ações da sua própria espécie. Em um dos poucos estudos que mergulha na essencialidade das relações humano-animais na formação do Brasil, Ana Lucia Camphora nos alerta para o fato de que "Bois e cavalos, os dois grandes mamíferos europeus domesticados que foram trazidos para os territórios que se tornaram o Brasil, foram mediadores determinantes nos processos de ocupação e colonização da terra no início do século XVI", cruciais para o avanço da fronteira para o interior, para a subjugação dos primeiros povos e para a instauração de um novo modo de produção. Assim, essas duas espécies tornaram-se "responsáveis pela disseminação de componentes tangíveis e intangíveis, intrinsecamente associados aos processos contínuos de conquista, ocupação e usurpação realizados por grupos humanos particulares no Brasil — assim como em outras partes do mundo" (CAMPHORA, 2021, p. 100, tradução minha).

Mas as coisas não param por aí. Os cavalos tornaram-se parte da vida de muitos. E as dinâmicas culturais são tais que, expandindo-se, crescendo e diversificando-se, assumem novos significados e se desdobram em diferentes padrões, convergentes e/ou divergentes. Pessoas de comunidades rurais desenvolveram inúmeras relações com esses animais, como parceiros — no trabalho e no lazer, no prazer e no sofrimento. Isso foi verdade no passado e a continua sendo hoje, em um país que tem a quinta maior população equina do mundo.

Hoje, o Brasil parece seguir a tendência mundial de mudança do equino para funções no esporte e lazer, e para novas funções simbólicas e subjetivas. Também, a feminização das culturas equestres. No rural brasileiro, as mulheres sempre tiveram uma conexão com os equinos — cuidando deles, cavalgando, conduzindo charrete ou trabalhando no campo ao lado deles. Foram, porém, invisibilizadas pelos muitos discursos que sempre significaram habilidades e conhecimentos equestres como masculinos. No entanto, o "par heroico" cavalo- homem vem se tornando objeto de contestação –primeiramente, na prática, e pouco a pouco, na representação simbólica. Conhecimentos e habilidades, transmitidos mais visivelmente de 'pai para filho', cruzam cada vez mais as fronteiras de

gênero — à medida que mais meninas e mulheres cavalgam, treinam e cuidam de cavalos como protagonistas de 'comunidades de prática' equestres, que hoje incluem profissionais e mundos de negócios também. Hoje, elas aparecem em mídias diversas, e cada vez mais, com as palavras e imagens que elas escolhem para se representar (ADELMAN, 2020).

Em Serra do Cipó, vilarejo mineiro que surgiu em torno de uma crescente indústria do turismo na região, isso certamente acontece. Desde o primeiro encontro com os homens da comunidade que hoje trabalham como guias equestres no Parque Nacional Serra do Cipó, até minha participação no que foi descrito como 'a maneira típica' como a comunidade comemora aniversários –uma cavalgada que culmina em uma festiva 'costela no chão' — fiquei cativada por sua linguagem local de conexão e envolvimento com cavalos. Com as imagens que aqui trago, vislumbram-se, entre outras coisas, alguns momentos de festa numa comunidade que valoriza seus equinos. Vemos crianças– meninos que talvez aprendam a linguagem mais convencional de 'homens e cavalos', meninas que talvez a expandam, com ênfase nas conexões emocionais, como lhes é culturalmente incentivado. Entre os equinos, vemos animais com sangue mangalarga, e os muares tão queridos, ambos profundamente enraizados na história de Minas Gerais, para onde muitos ancestrais dessa comunidade foram trazidos, da África, sua escravização a trágica espinha dorsal da economia das plantações. Pessoas que saíram da comunidade rural e agora moram em Belo Horizonte, que voltam para esses momentos de celebração das raízes rurais — alguns ainda com um cavalo próprio, outros curtindo os cavalos de amigos ou parentes. Jovens e estudantes que talvez sigam para outras vidas, que os afastem de sua terra e de seus cavalos. Pessoas mais velhas que guardam memórias vivas de uma maior dependência dos cavalos — do 'antigamente' quando havia menos carros, menos ônibus, menos motos -, algo que mudou com o crescimento de novas formas de inserção formal e informal na economia dominante, e com a inserção da comunidade nas dinâmicas do turismo contemporâneo.

O futuro preservará o lugar do cavalo na cultura e no cotidiano mineiros? O vínculo cavalo-humano é ao mesmo tempo enraizado e frágil, valorizado e contestado.

Referências:

CAMPHORA, Ana Lucia. Animals and Society in Brazil from the 16th to 19th Centuries. White Horse Press, 2021.

ADELMAN, Miriam. Mulheres, cavalos, vidas cruzadas: domadxs, domesticadxs, selvagens?" In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org). Gênero e sexualidade no esporte e na educação física. Natal: EDUFRN. pp. 123- 138. 2020.

Cota

RESTAURANTE ALMOÇO

Notas humanimais e visuais sobre corridas de cavalo na ilha do marajó em um campo antropológico

Humanimal and visual notes about horse racing on marajó island in an anthropological field

Felipe Bandeira Netto [1]
felipe.netto@ifch.ufpa.br
https://orcid.org/0000-0001-8894-4599
http://lattes.cnpq.br/9262054664287179

Denise Machado Cardoso [2]
denise@ufpa.br
http://.org/0000-0002-4992-8286
http://lattes.cnpq.br/2685857306168366

1 - Universidade Federal do Pará — Discente de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (área de concentração ANTROPOLOGIA). Bolsista CNPq.
2 - Docente da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Resumo: Este trabalho tem início na Ilha do Marajó a partir do registro fotográfico de corridas de cavalos que ocorrem no município de Salvaterra. Com o intuito de representar o vivido, buscamos construir uma narrativa visual e verbal sobre a relação de confiança e interação que se evidencia entre humanos e equinos, expressas nos movimentos ritmados durante a competição. Etnograficamente, realizamos a reflexão que envolve os protagonistas desta corrida (pessoas e cavalos), considerando-se a relação humanimal como algo que tanto atrai olhares das pessoas que participam das corridas.

Palavras-chave: Humanimal; Corridas de Cavalo; Ilha do Marajó, Antropologia Visual; Etnografia Visual.

Abstract: *This work begins in Ilha do Marajó from the photographic record of horse races that take place in the municipality of Salvaterra. In order to represent what was experienced, we sought to build a visual and verbal narrative about the relationship of trust and interaction that is evident between humans and horses, expressed in rhythmic movements during the competition. Ethnographically, we carried out the reflection involving the protagonists of this race (people and horses), considering the humanimal relationship as something that attracts the eyes of the people who participate in the races.*

Keywords: *Humanimal; Horse racing; Marajó Island, Visual Anthropology; Visual Ethnography.*

NO CAMPO ETNOGRÁFICO...

A intensidade dos momentos vivenciados durante a corrida de cavalos, no contexto de pesquisa etnográfica no arquipélago do Marajó, apresenta-se como um desafio para quem objetiva investigá-la antropologicamente. Inspirados nas obras de Philippe Descola (2019) partimos do pressuposto que os seres humanos estabelecem relações sociais com os animais nas quais projetam nos seres não-humanos intenções e sentidos que permitem tratá-los como humanos. Embora possamos ter diferenças físicas, há que se considerar uma possível semelhança de interioridade e uma universalidade espiritual.

Quando assumimos a perspectiva etnográfica visual, as atividades de campo passam a envolver os usos de diferentes áreas e, teoricamente, a obra de Descola se apresenta como importante suporte para tratarmos da visualidade das formas como a humanidade pensa, organiza o mundo à sua volta e se relaciona com o que não é humano (plantas, animais e objetos). Precisamente, utilizamos o animismo por ser esta cosmologia um dos quatro sistemas identificados por este antropólogo como a cosmovisão em que entidades não humanas (animais, plantas, objetos inanimados ou fenômenos) possuem uma essência espiritual. Cabe ressaltar que embora alguns considerem o animismo sinônimo de fetichismo, o antropólogo Edward Tylor (1871) faz uma distinção entre os dois, pois o animismo não se trata de um objeto em particular, mas para essa crença todos os corpos naturais são portadores de uma alma.

A convivência de seres humanos com animais de diferentes espécies é milenar e marca, segundo Tim Ingold (2007), a coexistência e interação a partir de usos como meio de transporte, alimento, estimação e usos terapêuticos (INGOLD, 2007). Nota-se que esta convivência varia em suas formas, mas está presente nas sociedades humanas. Os registros acerca dos usos dos cavalos são inúmeros e variam conforme as sociedades em diferentes temporalidades. No continente americano os cavalos foram introduzidos a partir do processo de colonização dos estados europeus sobre as sociedades originárias deste continente e ao longo dos tempos passaram a ser utilizados como meio de transporte, como força para a produção agropastoril, como prática esportiva, como modo de competição e em práticas terapêuticas.

A relação dos seres humanos com o cavalo para fins terapêuticos vem sendo cada vez mais utilizada para recuperação de distúrbios motores, psíquicos e cognitivos (MEDEIROS e DIAS, 2002). Patrícia Pinheiro (2020) observou que a simetria entre o passo do cavalo e o de humanos contribui na interação e na terapia, pois o indivíduo utiliza o mesmo movimento alternando as pernas, assim como o cavalo. Concluiu que o paralelismo entre o andar humano e do cavalo se enfatiza pelo movimento tridimensional encontrados em ambos. Por conseguinte, podemos inferir que esta constatação pode também ser observada durante as corridas de cavalos.

Descrever as corridas de cavalo é um desafio antropológico instigante, posto que tentar transpor as sensações vivenciadas na observação desta competição para um artigo científico, ou ensaio fotoetnográfico, implica em apresentar, de modo compreensível,

a relação próxima entre humanos e cavalos para um público que raramente experenciou esta aproximação com equinos. Neste aspecto, fomos impulsionados a escrever e registrar com imagens fotográficas no afã de que as pessoas venham a ler e ver o que experenciamos. Desse modo, buscamos apresentar neste trabalho, e inspirados pela Antropologia visual, o que ouvimos, observamos e registramos sobre a corrida de cavalos no Marajó.

SE ENTREGAR AO CAMPO É...

Para realizar a composição de narrativas com imagens fotográficas sobre as corridas de cavalos, consideramos que na fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) não há a necessidade de um domínio minucioso da técnica fotográfica, o que não significa que ela não seja necessária. Entretanto, é inegável haver um diálogo entre os conhecimentos fotográficos para a realização da imagem em consonância com os conhecimentos sobre a teoria antropológica, para que possamos compreender o que queremos fazer.

Importante mencionar que nos primórdios da produção fílmica, os cavalos foram tema de interesse para registrar fotografias que evidenciavam as suas musculaturas e os seus movimentos. Desse modo, os cavalos sempre despertaram interesse como tema de investigação pela ciência e pelas artes. No caso da Antropologia Visual, somam-se a esta prática da fotografia e do cinema, a possibilidade de pesquisa etnográfica acerca das interações entre humanos e equinos. Atualmente, os aparelhos de telefonia celular se apresentam como uma interessante ferramenta de pesquisa para registro de imagens, anotações, contatos, estabelecer redes, entre outros. Ao considerarmos que antropólogo nunca descansa de analisar e perceber coisas, fatos, situações etc. (CARDOSO e BANDEIRA NETTO, 2020), pensamos que, a partir da etnografia visual, olhamos para o "outro" e o percebemos olhando para si. De maneira reflexiva, também somos convidados a olhar para nós.

Assim, acionamos diversos suportes para realizar o estudo que ora apresentamos, munidos de experiências anteriores em terras, campos e águas do Marajó (CARDOSO, et al, 2023). Destacamos que ele é resultante de vivências de uma pesquisa de campo antropológica realizada no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó. Devido às suas peculiaridades e especificidades, de lugares e de pessoas que habitam naquela região, não há como dizer que existe um único Marajó, de modo que ele é diverso, múltiplo e ao mesmo tempo singular no compartilhar de uma cultura única e plural, tornando-se Marajós. Deste modo, este trabalho busca evidenciar em fotografias algo muito peculiar na região do Marajó dos campos, que é a corrida de cavalo realizada em fazendas e festejos de santo no município de Salvaterra.

AS CORRIDAS DE CAVALO

Humanos e cavalos possuem uma longa história de cooperação humanimal, onde se dá pelo compartilhamento de artefatos humanos e a aceitação animal (INGOLD, 2007; SILVA, 2022). Ellen Silva (2022), também, aponta que este processo inclui a preparação do animal, seja selando, montando, cavalgando e outros, que caracterizam a interação entre o humano e o cavalo. De modo que esta relação promove "um envolvimento interespecífico entre humanos e equinos agenciado pela subjetividade e a relação de companheirismo marcada por múltiplas relações de atenção, percepção do ambiente, habilidades e movimento e do humano com o cavalo (SILVA, 2022, p. 93).

Esta interação promove a confiança necessária para que cavaleiro/a e cavalo confiem um no outro a fim de permitir a ambos a experiência da corrida nos campos alagadiços e planícies do Marajó dos campos. Em Salvaterra, e em outros municípios próximos, a corrida de cavalos revela-se como um acontecimento à parte nos eventos onde estão inseridos. Trata-se de um elemento cultural que mobiliza muitas pessoas, sejam eles/elas fazendeiras/os, cavaleiros/cavaleiras, e pessoas que vêm assistir a este evento que ocorre, principalmente em festas religiosas, que é o que buscamos demonstrar com o auxílio do texto imagético (fotografias) deste trabalho.

Evidenciamos movimentos cadenciados, ora velozes, ora marcados por passos mais lentos. Sempre em sincronia e complementariedade, com a amabilidade marcando a interação e fazendo com que competidores e seus cavalos se tornem, por vezes, um só elemento a buscarem ser o mais veloz e, assim, obterem a vitória na competição.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004. 319p.

CARDOSO, Denise Machado; RIBEIRO, José da Silva; CAMPOS, Alessandro Ricardo; CRUZ, Márcio Silva; BANDEIRA NETTO, Felipe. Experiências de Antropologia Visual no arquipélago do Marajó. In: FONSECA, Mirna Juliana Santos; BREDER, Débora (Org.) Políticas e Poéticas Audiovisuais: diálogos sobre Cinema e Educação. Curitiba: Appris, 2023.

CARDOSO, Denise, M. BANDEIRA NETTO, Felipe. Cientistas sociais e o Coronavírus [recurso eletrônico] / Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (organizadores). — 1. ed. — São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. P.226–229.

DESCOLA, Philippe. Une écologie des relations. Les grandes voix de la recherche. Paris: CNRS Editions/De vive voix. 2019.

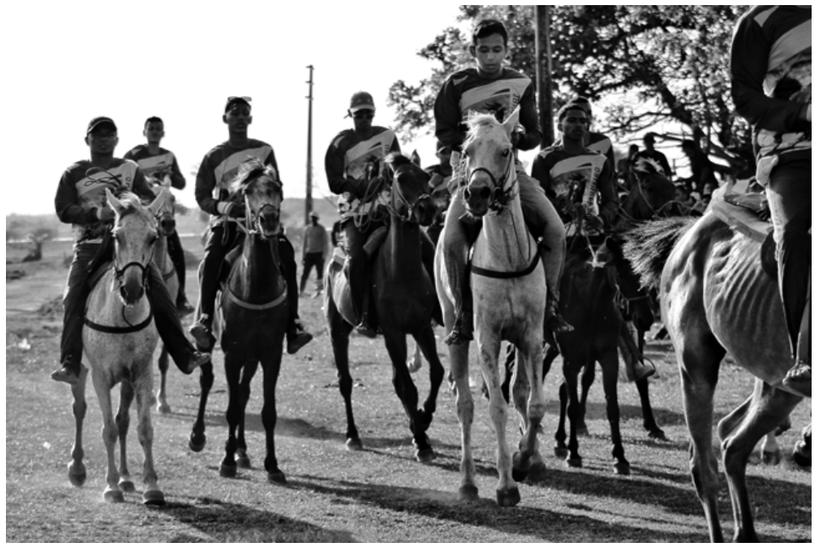
INGOLD, Tim. "O que é um Animal?" In. Antropolitica, Niterói, n.22, 2007, p. 129–150.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. Equoterapia: Bases & Fundamentos. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

PINHEIRO, Patrícia. Estudos sobre as interações entre humanos e animais no âmbito da Equoterapia. GT34 — Relações humano-animais: passado, presente e futuros possíveis. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020.

SILVA, Ellen, C. S. "O cavalo é um complemento para a vida": conexões multiespécies. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Orientadora: Profa. Dra. Voyner Ravena –Cañete. 2022. 102 p.

TYLOR, Edward Burnett. Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom. London: John Murray, 1871.



O trabalho humano-canino na truficultura chilena

Human-canine work in Chilean truficulture

Luisa Amador Fanaro [1]
luisafanaro@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6249-5481
http://lattes.cnpq.br/8167351407012319

1 - Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSCar. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Resumo: Neste ensaio visual, minhas intenções são apresentar o trabalho de humanos e cães no contexto do cultivo de trufas negras (Tuber melanosporum) no Chile. A partir do registro fotográfico das diferentes práticas co-constituídas por cães trufeiros, truficultores e trufas, resultante de pesquisa de campo realizada entre os meses de março e agosto de 2022, pretendo demonstrar que o trabalho de caçar trufas é caracterizado pela mútua afetação e só é possível com o comprometimento humano-canino.

Palavras-chave: Relações humano-animal; Trabalho animal; Cães; Cultivo de trufas.

Abstract: *In this visual essay, my intentions are to present the work of humans and dogs in the context of black truffle (Tuber melanosporum) cultivation in Chile. From the photographic record of the different practices co-constituted by truffle dogs, truffle farmers and truffles, resulting from field research conducted between march and august 2022, I intend to demonstrate that the work of truffle hunting is characterized by mutual affectation and is only possible with human-canine commitment.*

Keywords: *human-animal relations; Animal work; Dogs; Truffle cultivation.*

As trufas são os corpos frutíferos de fungos que mantêm uma relação de simbiose com certas espécies de árvores — no caso da trufa negra (Tuber melanosporum), com a encina española (Quercus ilex) e o carvalho turco (Quercus cerris) –, e crescem e amadurecem abaixo da terra, junto às raízes arbóreas. No Chile, seu cultivo teve início nos primeiros anos do século XXI, e seu desenvolvimento foi idealizado como uma alternativa produtiva para pequenos e médios agricultores que, mesmo em pequenas extensões de terra, poderiam desenvolver uma atividade extremamente rentável — o quilo da trufa negra pode alcançar, facilmente, os mil e duzentos dólares.

Atualmente, passadas mais de duas décadas de sua implantação, os pomares trufeiros em território chileno ocupam por volta de 450 hectares, distribuídos pelo Chile central, nas regiões Metropolitana, Libertador General Bernardo O'Higgins, Maule, Ñuble, Biobío, Araucanía, Los Ríos e Los Lagos. Ali, meus principais interlocutores são os irmãos Rafael e Víctor Henríquez, dois dos sócios-fundadores da Agrobiotruf, uma empresa sediada em Talca, na região de Maule, especializada na produção e venda de árvores micorrizadas, no assessoramento técnico e na implantação de pomares trufeiros em território chileno. Enquanto Rafael, engenheiro florestal, realiza as visitas técnicas para avaliar o manejo silvo-agrícola das trufeiras, Víctor, com estudos em veterinária, se ocupa dos cães e de sua preparação para o trabalho em questão.

Hoje em dia, de acordo com eles, os principais caçadores (não humanos) de trufas são os cães: são de fácil transporte e manutenção, têm alto rendimento de trabalho, boa capacidade de aprendizagem, um olfato excelente e, por fim, não são comedores naturais de trufas. Em 2009, depois de muitos anos de espera, a primeira trufa negra chilena foi encontrada por Víctor e seu cão, Harry, um Border Collie, um dos primeiros cães trufeiros no Chile e na América do Sul. De acordo com Víctor, ele e Harry aprenderam juntos a caçar trufas; foi uma aprendizagem conjunta, já que tudo era, à época, uma novidade. Em suas palavras, "a relação entre a trufa e a árvore é uma relação de simbiose, assim como deve ser a relação entre o humano e o cão trufeiro". Se, por um lado, é preciso trabalhar com o ciclo biológico do fungo e respeitar sua sazonalidade, por outro, é preciso constituir um vínculo muito forte com seu cão caçador, já que, como me disse um truficultor, "o cão é fundamental e, sem ele, não encontraríamos trufa nenhuma". Ademais, "o pleno funcionamento de qualquer trabalho que envolva humanos e animais depende, sempre, do esforço e da vontade coordenados de ambas as partes" (FANARO; LIMA; KOOSBY; VANDER VELDEN, 2021, p. 4).

Desde 2019, Víctor realiza cruzamentos entre cães das raças Terrier Chileno e Border Collie, e o resultado, em suas palavras, é o "cão trufeiro chileno" por excelência: tem a energia e a inteligência do Border Collie, e a personalidade e a tenacidade do Terrier Chileno. Na Agrobiotruf, os cães trufeiros são ensinados, desde o nascimento, a caçar trufas; aprendem a associar o aroma, a rastreá-lo e, por fim, a marcar sua localização com as patas. Em todas as etapas do aprendizado, os animais devem ser premiados com petiscos quando fazem corretamente o que lhes é demandado, de forma que sejam estimulados

e motivados a continuar. Para eles, a aprendizagem precisa ser um jogo. Isso também foi notado em outros contextos de preparação e treinamento de cães caçadores (CORKRAN, 2015; CRUZADA, 2019).

Cada etapa do ensino é um longo processo. Após aprenderem a associar o aroma das trufas como algo que lhes deve interessar, os cães são ensinados a rastreá-lo e apontá-lo com o focinho, para, em seguida, aprenderem a marcá-lo com as patas. As três primeiras etapas — associação, rastreio e marcação — são realizadas com a ajuda de um señuelo, um tipo de isca, e de azeite trufado. Por último, quando os cães já sabem o que devem fazer — marcar a localização do aroma com as patas –, realizam um curto treinamento com trufas congeladas e, em seguida, são levados para marcar trufas frescas em trufeiras produtivas, já na temporada de caça, ou colheita, que, no Chile, vai da última semana de maio à primeira semana de setembro.

Entre cão e truficultor, o aprendizado também é mútuo. A convivência de anos com cães trufeiros fez de Víctor um exímio conhecedor desses animais. Como já mencionado, ele e Harry aprenderam juntos a caçar trufas; foram dez anos de companheirismo e cumplicidade. Com Snoopy, um Terrier Chileno que agora ocupa o lugar de Harry, falecido em 2019, já são seis anos compartilhando experiências. Por conta de seu vínculo com esses cães, seu olhar é um olhar treinado, experimentado — em outros termos, Víctor tem uma visão especializada, seletiva (GRASSENI, 2004, 2005). Não sem razão, um truficultor se impressionou com a forma com que Víctor percebia quando os cães marcavam uma trufa e ele, muitas vezes, não. Em suas palavras, "é preciso estar muito associado com seu cão, é preciso conhecê-lo muito bem". Nesse sentido, caçar trufas exige um treinamento constante de atenção (GRASSENI, 2004, 2005) — ou, nos termos de Tim Ingold (2000), uma educação para a atenção — e seu aprendizado, portanto, é um processo social de coparticipação (GRASSENI, 2005).

De acordo com Víctor, os cães "se conectam" com o aroma das trufas. No fim das contas, esse trabalho depende da comunicação entre cães e trufas através de um cheiro — e, também, do desenvolvimento entre cães e humanos de "formas de se comunicar sobre as sinalizações químicas das trufas" (SHELDRAKE, 2021, p. 40). Em tais circunstâncias, em que é preciso, nas palavras de Víctor, "imaginar a rede de micorrizas que está abaixo do solo", seria impossível saber a localização das trufas sem o auxílio canino. Como em outros contextos cinegéticos, o cão permite ao caçador, ou, neste caso, ao truficultor, "o acesso a um mundo para ele inacessível" (CRUZADA, 2019, p. 261, tradução nossa) e invisível.

Referências:

CORKRAN, C. "An extension of me": handlers describe their experiences of working with bird dogs". Society & Animals, Ann Arbor, v. 23, n. 3, p. 231–249, 2015.

CRUZADA, S. M. Encuentros de vida y muerte: antropología transespecie y mundos ampliados entre cazadores y animales en el suroeste extremeño. Sevilha, Andalucía, 2019. Tese de doutorado, Universidad de Sevilla.

FANARO, L. A.; LIMA, D. V.; KOOSBY, M. F.; VANDER VELDEN, F. Introdução ao dossiê Trabalho animal, trabalho humano. Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía, v. 6, n. 2, p. 2–12, 2021.

GRASSENI, C. Skilled vision. An apprenticeship in breeding aesthetics. Social Anthropology, v. 12, n. 1, p. 41–55, 2004.

GRASSENI, C. Disciplining vision in animal biotechnology. Anthropology in Action, v. 12, n. 2, p. 44–55, 2005.

INGOLD, T. The perception of the environment: essays in Livelihood, Dwelling and Skill. Londres: Routledge, 2000.

SHELDRAKE, M. 2021. A trama da vida: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo/Ubu Editora, 2021.

Os direitos dos animais e a conservação da biodiversidade: relato do resgate da elefanta Rana

Animal rights and biodiversity conservation: account of the rescue of the elephant Rana

Gabi Di Bella [1]
gabidibellaphoto@gmail.com
https://orcid.org/0009-0008-8491-3662
http://lattes.cnpq.br/2202762152515862

1 - Mestra em audiovisual pela Universidade Anhembi-Morumbi. Trabalha atualmente como fotojornalista freelancer desenvolvendo projetos próprios. É colaboradora de veículos como a National Geographic, The Intercept, Folha de S. Paulo e UOL.

* Artigo publicado originalmente no site da National Geographic em 11 de janeiro de 2019 e atualizado em 5 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2019/01/delefante-rana-maus-tratos-circo-zoo-viagem-santuario-resgate>. Acesso em: 30/abr/2023.

Resumo: Em dezembro de 2018 acompanhei o translado da elefanta Rana por cerca de 2,7 mil km entre o hotel fazenda Boa Luz, nos arredores de Aracajú, até o Santuário de Elefantes Brasil (SEB), no Mato Grosso — Brasil. No presente trabalho, relato esta experiência a qual tive a oportunidade de registrar enquanto fotógrafa, jornalista e voluntária nesta jornada. Foram cerca de 10 dias acompanhando um processo que já estava em tramitação burocrática há pelo menos dois anos.

Palavras-chave: National Geographic, Santuário de Elefantes Brasil, direitos dos animais, conservação da biodiversidade, resgate de animais.

Abstract: *In December 2018, I accompanied the transfer of the elephant Rana for about 2,700 km between the Boa Luz farm hotel, on the outskirts of Aracajú, to the Elephant Sanctuary Brazil (SEB), in Mato Grosso — Brazil. In the present work, I report this experience which I had the opportunity to record as a photographer, journalist and volunteer on this journey. There were about 10 days following a process that had already been in the bureaucratic process for at least two years.*

Keywords: *National Geographic, Elephant Sanctuary Brazil, animal rights, biodiversity conservation, animal rescue.*

Em plena véspera de Natal de 2018 o telefone toca no posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF) de Aracajú (SE). O inspetor Nizandro Ramos atende; do outro lado da linha o chefe diz: "Temos um problema grande para resolver!". Nizandro achou que era alguma carga a ser interceptada, mas o que o chefe dizia era que havia uma elefanta a ser escoltada. "Eu ri! Parecia piada. Só levei a sério quando me deram o endereço da Fazenda Boa Luz", recorda o inspetor. A escolta da PRF era o detalhe que faltava para que a elefanta Rana pudesse, finalmente, começar a sua última viagem.

Rana estava prestes a cortar o país do nordeste ao centro-oeste — 2,7 mil km entre o hotel fazenda Boa Luz, nos arredores de Aracajú, até o Santuário de Elefantes Brasil (SEB), no Mato Grosso. Uma jornada que começou muito antes do dia 18 de dezembro, quando ela efetivamente pegou a estrada.

De origem asiática, Rana é "uma menina muito tranquila", como descreve o norte-americano Scott Blais, especialista em elefantes e diretor-presidente do SEB. Estima-se que ela tenha entre 50 e 60 anos. Alguns relatos afirmam que a exploração da vida de Rana teria começado nos Estados Unidos quando ela fez campanha eleitoral de Ike Eisenhower e Richard Nixon em 1952. Trouxe sorte, pois Eisenhower se elegeu.

Depois de ter sido cabo eleitoral republicana, Rana chegou ao Brasil em 1967 com o circo Gran Bartolo, em Recife. A partir dali, sua vida foi viajar de trupe em trupe: trabalhou nos circos Moscow, Garcia, e Beto Carrero, numa época em que ver animais em circo era algo lícito. A carreira circense só cessou quando o uso de animais como entretenimento foi proibido por leis estaduais — já aprovadas em 11 estados. Por volta dos anos 2003–2004, algumas leis começaram a entrar em vigor, mas em anos diferentes em cada estado. Saber quando Rana saiu do circo e foi para o hotel fazenda é difícil afirmar com exatidão pois isto normalmente é feito ilegalmente e ninguém confirma este tipo de informação. Além disso, Rana foi para o hotel quando ainda estava sob administração anterior, a qual foi condenada por maus tratos e com quem não houve nenhum contato.

Estima-se que ela tenha sido transferida para a fazenda Boa Luz em 2006, um lugar cujo antigo dono vendeu depois de sofrer um processo por maus tratos de animais. Os novos donos, que compraram a fazenda em 2015, decidiram desativar o mini-zoo e a elefanta precisou ser transferida.

Após anos na fazenda Boa Luz, era como se Rana estivesse acostumada com a solidão no espaço de 1 mil m², um pedaço de terra isolado por um fino arame eletrificado e sem árvores. Elefantes são animais sociais, herbívoros, andam em bandos, caminham e comem pelo menos 20 horas por dia. A única visita que recebia era do trenzinho do hotel com turistas que faziam selfies e iam embora.

Para uma elefanta que se acostumou a ficar sozinha, nossa chegada não foi nada discreta. Logo cedo, estacionaram ao seu lado um guindaste e um caminhão com um contêiner. Depois dessa operação de guerra, o momento era de espera; poderiam ser horas, talvez, dias até que Rana resolvesse, por vontade própria, finalmente adentrar. E ela

foi rápida, entrou no contêiner em apenas duas horas.

A partir disso, toda vez que Rana entrava no contêiner recebia estímulos positivos como maçãs e cenouras. O prato preferido? Qualquer coisa com manteiga de amendoim. A conexão entre Rana e a equipe cresceu rapidamente. No primeiro dia, após o pôr do sol, entramos no carro para ir embora e Rana caminhou até a cerca. Parecia querer vir conosco.

Do segundo dia em diante, era preciso testar como a elefanta reagiria quando o contêiner fosse completamente selado para a viagem. Testes eram realizados várias vezes ao dia. "Na primeira vez ela tremeu um pouco as patas", conta. Para evitar uma nova despedida, Scott decidiu não ir embora e passar a noite monitorando o comportamento dela.

No quarto e último dia de adaptação, chegou à fazenda Simone Hiromoto, veterinária e funcionária pública que trabalha voluntariamente para o SEB. Simone trazia a Guia de Transporte de Animais (GTA) e a Licença de Transporte de Animais, dois documentos sem os quais Rana não poderia partir, emitidos na última hora. "Esbarramos em muita burocracia e as pessoas não sabem nem como tratar o assunto.", explica.

O processo difícil começara muitos meses antes e teve uma feliz coincidência. Ao mesmo tempo em que a equipe do SEB planejava uma ação civil pública, o veterinário dela, Genisson Resendes, estava decidido a buscar um lugar melhor para a elefanta viver. "Achei o santuário em uma pesquisa na internet, mandei um e-mail tão empolgado que nem lembro direito o que escrevi", reconta.

O guindaste começou a içar o contêiner com Rana às 10h30 do dia 18 de dezembro de 2018. Logo ao sair do chão, ele balançou e Rana ficou agitada. O contêiner voltou ao chão. Scott se pendurou para falar com Rana. "Boa menina, nós vamos para um lugar melhor, onde já estão a Maia e a Guida", explicava ele. Ela se acalmou e o içamento seguiu.

Partimos para cruzar Bahia, Goiás e Mato Grosso. A viagem passou pelas três chapadas brasileiras — a Diamantina, a dos Veadeiros e terminou na dos Guimarães. Dirigimos parando somente para comer e abastecer quando necessário. A cada posto, o olhar curioso de quem teve a sorte de cruzar com a caravana. Alguns vinham correndo, celular na mão: "Eu vim ver o elefante!".

De madrugada, Rana se movimentava dentro do contêiner, com o rabo sempre balançando. O caminhão sofria nas subidas, andando a míseros 20 km/h. Rana pesa cerca de 3,5 toneladas. Os maiores obstáculos na estrada foram durante as madrugadas, com carretas que assustadoramente invadiam o espaço entre nós e Rana em um zig-zag obrigatório, invadindo a contramão para evitar buracos e crateras no asfalto.

Ocupamos o tempo contando histórias curiosas. Scott lembrava de elefantes especiais de que já cuidou quando trabalhava em um santuário no Tennessee (EUA). "Uma vez uma elefanta fugiu, parou na janela de uma casa. A moradora assistia um filme e ofereceu pipoca para ela. Achei que iria ter problemas, mas pelo contrário, depois disso, todos os moradores da cidade queriam a visita de um elefante", disse. Segundo ele, essa mesma elefanta, Barbara, se comunicava e mandava mensagens através de médiuns espirituais.

Assim a viagem seguiu, com histórias de elefantes, o susto de um animal morto na estrada, e um pneu furado do caminhão que foi trocado na passagem por Brasília. Rana já deveria estar exausta quando, depois de rodar por 78 horas e 46 minutos, dobramos na estrada de terra que dá acesso ao Santuário na zona rural de Rio da Casca (MT), a 110 km da capital Cuiabá. A emoção da equipe era evidente, mas ela logo foi substituída por tensão. Os guindastes para içar a elefanta ainda não tinham chegado.

De imediato, ainda dentro do contêiner, Rana recebeu plantas nativas. O alívio da equipe veio junto com a chuva e a chegada dos guindastes — duas horas atrasados. Scott, então, abriu o portão, mas se esqueceu de abrir a parte do telhado do contêiner. Rana deu seu jeito: dobrou as patas e, carinhosamente, entrou em seu novo lar. Saiu e cheirou tudo, jogou terra no corpo, barriu, e expulsou o galo George, curioso para conhecê-la. Rana passou a noite ainda em adaptação.

Na manhã seguinte foi o momento de conhecer as duas elefantas, Maia e Guida, que já moram no santuário há um ano. No primeiro contato, Guida foi imensamente receptiva, enquanto Maia fez alguns gestos com a tromba para demonstrar autoridade à novata. Após algumas horas, as três gigantes foram liberadas para andar pelos 1100 hectares do SEB. Rana não se intimidou. Maia e Guida seguiram para o lago e ela foi atrás. "Ela foi até lá e não entrou, mas já é sinal de que vai se adaptar facilmente", diz Scott.

O transporte demandou quatro meses de esforço, 2,7 mil km rodados e um custo de 25 mil dólares para entregar Rana a um lugar parecido à paisagem da qual ela nunca deveria ter saído. O Santuário de Elefantes Brasil é a primeira experiência do tipo em toda a América Latina. Ele foi idealizado em 2013 pela brasileira Junia Machado após uma visita ao zoo de São Paulo quando viu a situação da elefanta que vivia lá. Atualmente, cerca de 10 elefantes, de vários países, aguardam uma chance para serem recebidos pelo local.

Referências:

DI BELLA, Gabi. Depois de passar décadas em circos e zoos, elefanta Rana viaja 2,7 mil km por uma vida melhor. National Geographic, 2020. Acessível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2019/01/delefante-rana-maus-tratos-circo-zoo-viagem--santuario-resgate>.

APOLLO SERVICE QY70K
XCMG

Nossa S. do Socorro
Aracaju
Aeroporto
São Cristóvão
Estância
Salvador

PRF

BORRACHA

ARGOS

Equipe de Resgate de Rana
Dezembro 2018
defantessul.org

Fonte: https://www.euquerobiologia.com.br/2013/06/javaporcos-e-javalis-sao-cacados-ehtml

Cozinhar o javaporco: tabus de consumo em uma cidade de Minas Gerais

To cook a "javaporco": consumption taboos in a town of Minas Gerais

Andréa Osório [1]
andrea_osorio1@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-0368-9117
http://lattes.cnpq.br/6909409179119225

1 - Professora Associada III no INEST/UFF.

Resumo: O javaporco é um híbrido entre o javali asselvajado e o porco doméstico que forma varas asselvajadas que têm se deslocado de sul a norte do país. Sua carne é comestível, mas pouco apreciada. As razões para isso são a aura de ilegalidade que engloba a atividade cinegética e, ao mesmo tempo, uma baixa apreciação do sabor. Os dados aqui coletados e a análise posterior são fruto de uma incursão de campo em uma pequena cidade mineira próxima ao Lago de Furnas.

Palavras-chave: Javaporco, alimentação, caça.

Abstract: *The "javaporco" is a hybrid between the wild boar and the domestic pig that forms wild herds that have moved from south to north of Brazil. Its meat is edible, but little appreciated. The reasons for this are the aura of illegality that encompasses hunting activity and, at the same time, a low appreciation of its taste. The data collected here and the subsequent analysis are the result of a field incursion in a small town near Lake Furnas, in the state of Minas Gerais.*

Keywords: *Javaporco, nurture, hunting.*

Uma incursão de campo levou-me a uma pequena cidade às margens do Lago de Furnas, em Minas Gerais, onde as manadas de javalis asselvajados cruzaram com porcos domésticos produzindo, por sua vez, manadas selvagens de javaporcos, animais híbridos que têm se espalhado pelo país a partir do sul em direção ao norte[1][1]. Cristina[2][2], minha principal interlocutora nesse processo, levou-me à cidade com o convite de conhecer a região e degustar "um javaporco" preparado por sua mãe, Dona Josefa. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de conversar com Seu José, pai de Cristina, que já caçou javaporcos nas fazendas de cana-de-açúcar da região, onde se encontram, ainda, monoculturas de café e milho.

O Lago de Furnas fica na porção austral de Minas Gerais. A principal cidade da região é Alfenas. De lá, seguimos para nosso destino, que não identificarei aqui porque a caça ao javali e ao javaporco, conquanto permitida pela legislação vigente, é vista na região como algo que se comenta aos cochichos, entre pessoas próximas. Como me disse Dona Josefa ao cozinhar o pernil do bicho, comprado de um caçador — um ente sempre sem nome, incógnito, categorizado apenas pela atividade cinegética — até o descarte dos ossos do animal deve ser feito em segredo. Todo o processo, na verdade, é envolvido por uma aura de proibição, feito às escondidas, já que o medo de que a carne seja confundida com caças proibidas legalmente perpassa o processo inteiro. Evidentemente, esse medo demonstra uma situação real: os caçadores não se limitam ao javali ou ao javaporco. Outros animais — nativos — podem ser alvo de caça ilegal, o que joga o caçador numa aura de ilegalidades.

Perguntei a Seu José como se encontrava os caçadores na região, ao que um de seus filhos me respondeu que um antigo vizinho da casa onde gentilmente fui recebida e alojada era um deles, mas havia se mudado. Frente à minha indelicada insistência, o senhor me contou que já caçara, quando um amigo querido ainda era vivo, companheiro dessas aventuras. A caça era feita com lanças, sempre em dois ou mais caçadores a pé, como se caçava onças no passado, para que um acuasse o bicho e o outro o acertasse nas costelas. Caído pela ferida, era alvejado na cabeça com um tiro. O posicionamento dos humanos deveria formar uma espécie de V, cuja ponta de baixo seria preenchida pelo animal, na forma de uma emboscada, explicou gesticulando sobre a mesa de café, enquanto eu lhe perguntava se poderia acompanhar uma incursão. Diante da negativa, e a título de uma desculpa, Seu José me explicou que primeiro deveria haver a permissão do dono da fazenda para que os caçadores ingressassem na propriedade onde uma vara tivesse sido avistada. Caçar javaporco é perigoso, pois os animais são tidos como agressivos, mas esta não foi a razão da recusa, pelo menos não literalmente.

Gentil, Seu José me levou de carro por dentro de uma plantação de cana-de-açúcar à cata de uma dessas varas. Rodamos pelas estradas de terra vermelha, típica da região, por cerca de quinze minutos, encontrando apenas cães vagando a esmo. Nada de java-

1 - Para estudos sobre javali no Brasil e na tríplice fronteira austral, ver Sordi (2015a; 2015b) e Sordi e Moreno (2021).
2 - Todos os nomes são fictícios.

porcos. Um de seus filhos mencionou que o híbrido gosta de comer cigarrinhas[3][3], uma praga da raiz da planta. No processo, ele derruba o pé e come também o broto, prejudicando a plantação. Mostrou-me um vídeo local onde uma centena ou mais de animais vagavam por um canavial. Como se pode imaginar, os estragos são enormes, daí a cumplicidade entre fazendeiros e caçadores em relação ao animal.

Dona Josefa prepara o javaporco da seguinte maneira: primeiro, o pernil, a parte nobre conseguida, foi desossado. Para isso, ela me pediu ajuda, pois a carne é dura e pouco gordurosa, dificultando o processo de feitura/cozimento do bicho. É trabalho para duas pessoas ou para uma muito experiente, ela me disse. Para os familiarizados com processos de cozimento, é a gordura que amacia a carne, dando-lhe sabor, e ela falta tanto no javali quanto no javaporco, sendo abundante no porco doméstico, comercializada como "banha".

Segurei o osso da peça enquanto nossa cozinheira manipulava uma faca bem afiada, cortando rente ao que se queria descartar. O odor não era forte, devido à quantidade de hormônios secretadas pelo bicho, então concluiu que se tratava de uma fêmea ou macho jovem. Os machos detêm um cheiro expressivo que repugna os comensais, por isso muitos não apreciam a carne. Para que o odor desapareça, os animais devem ser castrados, como acontece com os porcos domésticos e que não é possível com as varas asselvajadas. Depois de descarnado, os ossos foram embrulhados em um saco de lixo para serem descartados fora dos resíduos comuns da residência, de modo que nenhum indício de sua existência pudesse aparecer na vizinhança. O cuidado, como mencionei acima, faz parte do processo de não ser confundido com um animal cuja caça é ilegal, pois a desconfiança poderia gerar uma denúncia e, consequentemente, problemas legais.

Após o descarne, a peça é limpa de todas as pelancas, tornando-se um amontoado de carne rubra reluzente, que é cozida em água com sal e limão por dois momentos diferentes, de modo que o processo retire qualquer odor ou gosto associado a ele. Após a troca das águas de cozimento, o prato vai para a panela de pressão, onde mais limão é acrescentado, junto com algumas cebolas e sal a gosto. Contabilizei cerca de quarenta minutos na pressão, mas Dona Josefa julga ser um processo rápido. Pronto o repasto, pude prová-lo de imediato. Não tem a consistência do porco, assemelhando-se mais à minha memória de ter ingerido javali em um restaurante carioca décadas antes. A carne, por não ser gordurosa, é considerada seca. Descontente com o resultado, naquela noite mesmo, Dona Josefa preparou um molho de tomates e cebolas que despejou por cima do javaporco. Confesso que ficou muito mais gostoso, aprovado pelos comensais enquanto tomávamos algumas cervejas.

Como a família recebia as namoradas dos filhos para um churrasco, o prato lhes foi oferecido sem que se dissesse, a princípio, do que se tratava. A pergunta era sempre a mesma: "gostoso?", ao que elas respondiam afirmativamente, para então descobrirem que se tratava da caça, o que não gerava nenhum tipo de reação especial. A conversa voltava a fluir normalmente, como se o javaporco fosse apenas mais um oferecimento aos comensais — o que, de fato, era. Mas o(a) leitor(a) não se engane. No dia seguinte, em outro churrasco oferecido a Cristina, que mora fora da cidade e estava de visita aos pais e irmãos, o anfitrião comentou sobre o animal, dizendo que o havia provado uma vez.

Não se trata de uma carne comum, nem de um assunto tratado às claras. Ao contrário, podemos dizer que paira sobre seu consumo um certo tabu. Tal tabu recai sobre a própria carne, como Mary Douglas (1976) evidencia acerca das regras do Levítico, embora em Minas Gerais não por questões religiosas, mas por uma recusa ao odor e sabor da carne. Recai, ainda, e sobretudo, sobre a forma de se conseguir as peças do repasto, encobertas como estão por relações com um ente — o caçador — que trafega entre o lícito e o ilícito, já que a comercialização do javaporco não é permitida por razões sanitárias quando oriundo da atividade cinegética. Os dois tabus se encontram no consumo secreto do animal, pouco apreciado em geral. Não ouvi relatos de que se tratasse de carne "deliciosa" ou ambicionada. Ao contrário, é considerada, de certo modo, "exótica", pouco apreciada e sua preparação não é dominada por qualquer cozinheiro(a).

3 - Uma designação comum a várias espécies diferentes de insetos que atacam as raízes de plantações, sobretudo as monocultoras.

Referências:

DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

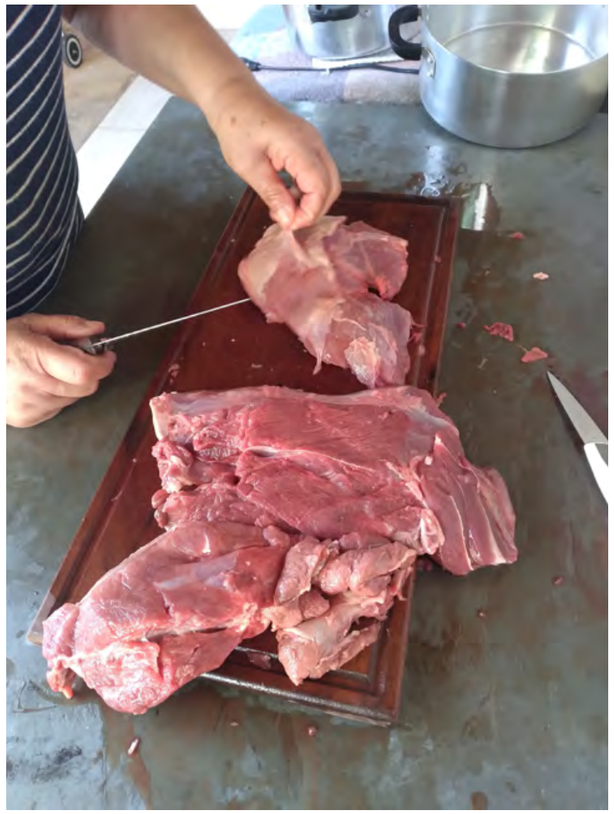
SORDI, C. Javalis na Campanha: porcos ferais, invasão biológica e configurações do ambiente na fronteira Brasil-Uruguai. In: MALLMANN, M. I.; MARQUES, T. C. S. (orgs.). Fronteiras e relações Brasil-Uruguai. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015a. p. 259–273.

SORDI, C. Guerra ao javali: invasão biológica, feralização e domesticação nos campos sulinos. R@U, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 59–77, 2015b.

SORDI, C.; MORENO, S.F. Caça desportiva e controle de javalis (Sus Scrofa) em duas regiões do Rio Grande do Sul, Brasil: apontamentos etnográficos. Revista Andaluza de Antropologia, n. 21, pp. 62–81,2021.

https://www.euquerobiologia.com.br/2013/06/javaporcos-e-javalis-sao-cacados-ehtml

Fonte: https://www.euquerobiologia.com.br/2013/06/javaporcos-e-javalis-sao-cacados-ehtml



mercuri

Cuidado: área sujeita a ataques de tubarão

Warning: area subject to shark attacks

Camila Maria Silva de Moraes Santos [1]
camilamariasantos.rec@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/2936518149883939
https://orcid.org/0000-0002-4830-560X

Ana Cláudia Rodrigues da Silva [2]
acrodriguess@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/4177993008562757
https://orcid.org/0000-0002-0965-3193

1 -Museóloga formada pelo Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco — DAM/UFPE. Pesquisadora, mestre e doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco — PPGA/UFPE.

2 -Cientista Social com mestrado e doutorado em Antropologia pelo PPGA/UFPE. Atua como pesquisadora e Professora Adjunta no DAM/UFPE.

Resumo: Esta fotoetnografia aborda as relações conflituosas ocorridas entre humanos e tubarões no litoral pernambucano e na ilha de Fernando de Noronha/ Brasil. Os chamados ataques ganharam notoriedade internacional na década de 90 pelo elevado número de mortes levando a ações mitigatórias como as instalações de sinalizações. As placas e bandeiras nas praias, objetos deste ensaio, são arquivos que compôem a paissagem e marcam essa relação interespecífica.

Palavras-chave: Tubarões, relações interespecíficas, praias, ataques.

Abstract: *This photoethnography addresses the conflicting relationships between humans and sharks on the coast of Pernambuco and on the island of Fernando de Noronha/Brazil. The so-called attacks gained international notoriety in the 1990s due to the high number of deaths leading to mitigation actions such as signaling installations. The signs and flags on the beaches, objects of this essay, are archives that make up the landscape and mark this interspecific relationship.*

Keywords: *Shark, Interspecific Relations, beach, Attack*

A relação com o oceano há muito permeia o imaginário humano; a gradativa aproximação e ocupação das áreas limítrofes com o ambiente marinho não dissiparam totalmente os mistérios, tão pouco os medos, que advêm do mar (CORBIN, 1989). Parte desse cenário é um produto retroalimentado por relações conflituosas entre os humanos e algumas espécies marinhas, como é o caso dos tubarões — tais interações negativas comumente põem em cheque os processos de coabitação entre as duas espécies (SILVA; NASCIMENTO, 2018).

Maus encontros interespecíficos entre humanos e tubarões podem ser observados em todo o globo e no estado brasileiro de Pernambuco ganham potência devido a uma série de fatores socioeconômicos, geomorfológicos e ambientais — como a proximidade de um canal marinho natural (profundo e nutrido por correntes de retorno) com as áreas acessadas por banhistas; além dos impactos de construções como as do Porto de Suape (HAZIN et. al. 2000).

O poder público estadual de PE iniciou o monitoramento dos chamados "ataques de tubarão" em 1992, contudo, atualmente, há uma divergência entre os dados obtidos a partir da tabela internacional do Florida Museum (ISAF) e aqueles fornecidos pelas autoridades de PE. Tal diferença se dá devido a uma desatualização dos dados por parte das instituições pernambucanas e pela divergência institucional em alguns dos critérios para classificação das interações.

Diante da calamidade pública, uma série de medidas foi tomada pelos órgãos competentes de PE, dentre as mais chamativas está a instalação de placas de alerta fixadas ao longo das praias com histórico de interações negativas. Tais instrumentos expositivos alertam os usuários desses espaços litorâneos sobre os perigos do banho de mar no local e sobre as condições climáticas que potencializam os riscos.

Esse tipo de medida tem forte impacto nos processos identitários locais e repercute diretamente na forma como se constrói a imagem desse outro ser: o tubarão. Inicialmente restritas ao litoral continental da Região Metropolitana do Recife, tais placas inspiraram versões caricaturadas de si mesmas e se fazem presentes no comércio (e no imaginário) local — onde muitas vezes, o tubarão é posto como antagonista ao humano.

A porção insular de PE também é aqui observada, uma vez que o arquipélago de Fernando de Noronha adota posteriormente esse tipo de mecanismo — embora com uma estrutura discursiva e imagética distinta daquelas encontrada no continente. Contudo, após um mau encontro ocorrido em Janeiro de 2022 — o episódio mais grave registrado na região até então, tal estrutura é alterada e as placas do arquipélago passam a utilizar os mesmos elementos visuais das placas instaladas na RMR.

Muito pode ser estudado, essencialmente do ponto de vista antropológico, a partir da instalação de tais placas: seja como um parâmetro da potência do antropoceno nas regiões; seja por seu impacto nos processos identitários locais e nas contribuições feitas às elaborações e representações sobre esse outro ser, o tubarão.

Tal configuração lança luz sobre os processos que levam a construção da paisagem nesses locais, tendo em vista que estas, como expôs Tsing (2019), são compostas por atos e arquivos humanos e não humanos que, concomitantemente, engendram aquilo que a autora chamou de "reino do "feral"" (2019, p.16) — um local onde a reação "inesperada" desse outro, os tubarões, foge ao suposto controle humano e, portanto, consolida o papel ativo dos tubarões nas dinâmicas socioculturais humanas.

A implantação desses letreiros atua, assim, como um indicador dos efeitos do antropoceno (HARAWAY, 2016) nas regiões, tendo em vista que diante do aumento da gravidade e da quantidade de maus encontros na área do arquipélago o poder público optou por promover a adequação das placas da porção insular ao padrão discursivo e imagético do continente — uma área com um volume de interações maior e mais radical (SANTOS, no prelo).

Tal fato suscita questionamentos como, porque usar como padrão os parâmetros de um local cuja situação é mais crítica? Ou mesmo nos chama a refletir sobre a probabilidade da manutenção de ações públicas reativas aos maus encontros obterem êxito diante da gravidade do tema. Os pontos supracitados acentuam a urgência em avaliar os efeitos do antropoceno sobre o bioma do arquipélago e da RMR de PE, assim como avaliar a forma como essa nova era geológica, comandada pela lógica do Capital (HARAWAY, 2016), vem atingindo locais como o litoral — espaços repletos de disputas por territorialidade interespécie (SILVA, 2022).

Referências:

CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. Companhia das Letras, 1989.

HAZIN, Fábio HV; JÚNIOR, João Augusto de Matos Wanderley; DE MATTOS, Sérgio Macedo Gomes. Distribuição e abundância relativa de tubarões no litoral do Estado de Pernambuco, Brasil. In: Arquivos de Ciências do Mar, v. 33, n. 1–2, p. 33–42, 2000.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno.ClimaCom Cultura Científica — pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3 — N. 5 / Abril de 2016.

SANTOS, Camila M. S. de M. ENCONTROS RADICAIS NA IGREJINHA: Relações Interespecíficas entre humanos e tubarões na praia de Piedade em Pernambuco — Brasil. Dissertação de Mestrado. PPGA — DAM/UFPE. No prelo.

SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da; "Fechar ou não a praia": territorialidades, conflitos e negociações nos incidentes com humanos e tubarões em Pernambuco-Brasil. In: MARMANILLO, J.; SILVEIRA, F. (Orgs). Pensando as cidades brasileiras no contemporâneo. EDUFMA | IFCH/UFRGS. 2022.

_____; NASCIMENTO, Rayana Mendonça do. Aprendendo a conviver com os tubarões: relações entre humanos e não humanos em Recife e no Arquipélago de Fernando de Noronha (BRA). Caderno eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 7, n. 2. 2019.

TSING, Anna L.. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: Mil Folhas, 2019.

PERIGO
ÁREA SUJEITA A ATAQUE DE TUBARÃO
DANGER - SHARK ZONE
Placa
Signpost 045
Emergência ligue
Emergency call 193
EVITE O BANHO DE MAR
AVOIDE SEA BATH
• Em áreas de mar aberto
In the open sea
• No período de maré alta
At high tide
• Ao amanhecer e ao cair da tarde
At dawn and dusk
• Na foz dos rios
In estuaries
• Em áreas profundas
In deep areas
• Em águas turvas
In muddy waters
• Se estiver sozinho
If you are alone
• Com sangramento ou com objetos brilhantes
With bleeding of you wearing bright objects
• Se estiver alcoolizado
If you are drunk
Pernambuco
Cemit

A-VIDAS

PERIGO
ANIMAS MARINHOS

LINDDA SEMPRE
LINDDA SEMPRE
LINDDA SEMPRE

PROIBIDO NADAR
RISCO DE AFOGAMENTO

PROIBIDO
O BANHO DE MAR
ÁREA SUJEITA
A ATAQUE DE
TUBARÃO
NÃO ENTRAR
NO MAR NA ÁREA
SINALIZADA COM
ESTA BANDEIRA!
PERIGO
ANIMAIS MARINHOS
Fica proibido o banho de mar na praia de Piedade, no trecho entre a Igrejinha de Piedade e o Hotel Barramares, até que sejam feitos novos estudos e novas pesquisas relacionadas aos incidentes com tubarões na área.
DECRETO MUNICIPAL Nº 79 , DE 26 DE JULHO DE 2021.
PREFEITURA DO
JABOATÃO
DOS GUARARAPES

PROIBIDO O
BANHO DE MAR

ICMBio
MMA
NORONHA
SEJA BEM-VINDO A PRAIA DO SUESTE
WELCOME TO THE SUESTE BEACH
Aproveite a experiência e fique atento aos cuidados necessários!
Enjoy the experience and pay attention to the necessary care!
CARAVELAS / PORTUGUESE MAN-OF-WAR
As caravelas são levadas pelo vento e possuem tentáculos venenosos. Mantenha distância e avise os guardas-parques.
The Portuguese Man-of-War are carried by the wind and have poisonous tentacles. Keep your distance and warn the park rangers.
TARTARUGAS / TURTLES
Importante área de alimentação de tartarugas marinhas. Ao mergulhar, mantenha-se a distância e observe o comportamento natural das tartarugas, sem tocar e nem encurralar.
Important feeding area for sea turtles. When diving, keep distance and observe the natural behavior of the turtles without touching or cornering.
TUBARÕES / SHARKS
Caso visualize um tubarão, mantenha distância. Jamais tente persegui-lo, encurralá-lo ou tocá-lo. Evite entrar no mar antes das 9 da manhã e após as 16 horas.
If you see a shark, keep away. Never try to chase them, corner them or thouch them. Avoid entering the sea befora 9 am and after 4 pm.
MOREIAS / MORAY EEL
As moreias habitam fundos rochosos e defendem seu território. Evite usar objetos brilhantes e não toque nos corais.
The moray eels inhabit rocky bottoms and defend their territory. Avoid using bright objects and do not touch corals.
RAIAS / STINGRAY
Observe onde pisa, as raias costumam ficar enterradas na areia.
Watch where you step, sting rays usually buried in the sand.
• Evite mergulhar sozinho
• Não superestime sua capacidade de nadar
• Evite banho noturno
• Não tente tocar nos animais selvagens
• Não encurrale ou persiga
• Não alimente
• Respeite a natureza
• Em caso de incidente, comunique o guarda-parque presente ou chame serviço de saúde
• Avoid diving alone
• Do not overestimate your ability to swim
• Avoid nighttime bathing
• Do not attempt to touch wildlife
• Do not collapse or chase
• Do not feed
• Respect nature
• In case of an incident, notify the park ranger present or call health service
• SAMU E Hospital São Lucas: Hospital and emergency 192 / 55 81 3619-0923
• Corpo de Bombeiros: Fire Department 193 / 55 81 3619-0439
30 Anos PARNAMAR NORONHA
Pernambuco
PROJETO TAMAR
noronha
Feirando de Reserva

PERIGO
ÁREA SUJEITA A ATAQUE DE TUBARÃO, ONDAS FORTES E CORRENTEZAS.
DANGER - RISK OF SHARK ATTACK, STRONG WAVES AND OCEAN CURRENTS.
EVITE O BANHO DE MAR | AVOID SEA BATH
- AO AMANHECER E NO FIM DA TARDE | AT DAWN AND DUSK
- CASO AVISTE ALGUM TUBARÃO GRANDE
IF YOU SIGHT A BIG SHARK
- COM SANGRAMENTO OU COM OBJETOS BRILHANTES
IF YOU ARE BLEEDING OR USING BRIGHT OBJECTS
- LONGE DA BEIRA DA PRAIA | FAR FROM THE BEACH
- SE ESTIVER SOZINHO | IF YOU ARE ALONE
- EM ÁREAS TURVAS | IN MUDDY WATERS
- SE ESTIVER ALCOOLIZADO | IF YOU ARE DRUNK
ATENÇÃO! Esta praia não possui salva-vidas de plantão e eventualmente está sujeita à ação de correntes marítimas e ondas perigosas. Para sua segurança, antes de praticar atividades aquáticas, avalie seus limites pessoais e informe-se sobre avistamento de tubarões e condições do mar
ATTENTION! This beach does not have lifeguards on duty and sometimes is subject to strong ocean currents and dangerous waves. For your safety before practicing water activities, evaluate your personal limits and inform yourself about shark sightings and sea conditions.
EM CASO DE EMERGÊNCIA LIGUE: | EMERGENCY CALL:
193 (CORPO DE BOMBEIROS) | (81) 3619.0923 (SAMU)

Do ovo às gavetas entomológicas: metamorfoses na biografia da coleção biológico-Científica de borboletas e mariposas do museu nacional— UFRJ

From the egg to the entomological drawers: metamorphosis in the biography of the biological-scientific collection of butterflies and moths of the museu nacional — UFRJ

Líbera Li de Lima Nunes [1]
blimanunes.li@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-5955-7810
https://lattes.cnpq.br/7092933630741664

1 -Mestranda no programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;Bolsista pela CAPES

Resumo: Através de uma exposição de fotografias (2020–2023), este ensaio propõe apresentar algumas reflexões sobre os processos de curadoria de uma coleção biológico-científica de borboletas e mariposas. Imagens registradas durante o trabalho de campo, onde estive como estagiária e mestranda em Ciências Sociais. À práxis laboratorial da biologia, são acrescentadas algumas reflexões antropológicas ligadas a diferentes conceitos de perda, que passam pela extinção, pelo manejo com o material e pela memória do incêndio de 2018 que destruiu quase por completo a sede do Museu Nacional — UFRJ.

Palavras-chave: coleção biológico-científica, Lepidoptera, museu, incêndio, memória.

Abstract: *Through an exhibition of photographs (2015–2022), this essay proposes a reflection on the heritage processes of collection, preparation, classification, cataloging and insertion in a biological-scientific collection of butterflies and moths. These are the insects scientifically classified as lepidoptera. I present here the backstage of this process through some photographs of my fieldwork, as a trainee and a Master's student in Social Sciences, in the Laboratory of Research in Lepidoptera of the Museu Nacional — UFRJ. To the biology laboratory praxis are added some anthropological reflections linked to the concept of loss, the unique or typical character of the collection objects, the scientific heritage and the memory of the 2018 fire that almost completely destroyed the headquarters of the Museu Nacional — UFRJ.*

Keywords: *biological-scientific collection, Lepidoptera, museum, fire, memory.*

1 - Mariposas para colecionar

Se fossemos retraçar o caminho percorrido por uma dessas raríssimas mariposas ou borboletas que vão parar nas gavetas entomológicas do Museu Nacional — UFRJ, seria concebível e verossímil escrever a biografia de B13–1X26, uma mariposa da espécie Automeris illustris e assim narrar seu trágico destino no vôo que fez por volta de 1940, da Serra de Itatiaia até o pico do Corcovado de onde fora recolhida e levada para a Gaveta B13 da coleção científica desse museu carioca. Inspirada em antropólogos que propuseram olhar para a vida social das coisas e sua materialidade (APPADURAI, 1986), buscarei contar essa história nos fragmentos imagéticos que compõem meus cadernos e fotografias de campo. São registros próprios (2020–2023), fruto de estudos no Laboratório de Pesquisas em Lepidoptera do MN — UFRJ, centro criado após o incêndio, nos esforços da longa reconstrução.

A proposta é refletir sobre as diversas formas de "perda" que permeiam os processos de (re)elaboração das coleções de insetos. São as perdas de dados de coleta, as perdas materiais de pernas e antenas, as perdas em termos dos desequilíbrios na relação humano-animal em seu co-habitar e finalmente sobre as perdas ligadas ao próprio incêndio ocorrido em setembro de 2018. Acredito que todas essas perdas tenham seus modos próprios de fazer memória (GONÇALVES et al. 2013).

Hospedeira de uma goiabeira da qual se alimenta e onde habita em um processo de co-relação, Automeris illustris, passa pela etapa de ovo, as fases de lagarta, um período como pupa e logo faz sua metamorfose final. No dia em que estava pronta para finalmente voar, o prefeito do Rio de Janeiro Henrique Dodsworth Filho promovia espetáculos de luzes próprios de uma cidade que se queria moderna e que inaugurou naqueles anos seu mais icônico monumento: O Cristo Redentor.

Como tantas outras, esta mariposa bem poderia ter sido uma das milhares que, atraídas pelas luz, perderam seu rumo. Segundo relatos no Correio da Manhã, as coleções científicas ganharam amplas contribuições quando nos periódicos da época se lia o título: "A tragédia das borboletas do Corcovado".

> "Quem não tivesse visto com seus próprios olhos jamais poderia imaginar semelhante coisa; o ar em volta da estátua atravessado por possantes vagas de luz vibrava, por assim dizer com o ruído de dezenas de milhares de mariposas de todas as espécies. Como loucas furiosas caiam mutiladas aos bandos. Loucas de dor, trêmulas. (...) Não é preciso muita dificuldade para se encontrar a explicação disso, verificando-se a fonte desse odor, pode-se constatar que sobre o chão em volta da estátua e nas caixas contendo os faróis de iluminação, encontram-se milhares de mariposas em estado de putrefação (...) pode-se mesmo dizer sem exagero que as borboletas estão a ponto de desaparecer dos arrabaldes do Rio de Janeiro" (CORREIO DA MANHÃ, dom 02 fevereiro de 1941).

Quando décadas depois uma técnica de coleção abre o congelador onde estão os envelopes entomológicos que aguardam sua preparação, tombamento e inserção na coleção, encontra, nas informações de coleta, um local e uma data (o nome de quem coletou está borrado). É do Corcovado e data dos anos 1940! A técnica em borboletas, apressada que estava, deixou para a semana seguinte o trabalho com aquela raridade. Foi tarde demais, o incêndio logo tomaria o museu por inteiro. Essa é a perda das perdas, o que nem pode ser classificado.

Pelo discurso oficial, os biólogos acreditam que para preservar é preciso conhecer e catalogar, construir coleções que representam toda a biodiversidade existente. Objetivo imerso em uma eterna incompletude e fadado a produzir "verdades parciais" (REGINALDO, 2002). Pensando sobre a concepção científica que pretende transformar seres não humanos em objetos de estudo, acaba-se perdendo o caráter da rede de inter relações em que esses seres estão inseridos (LATOUR, 2012).

Para que uma borboleta ou mariposa seja integrada em uma coleção ela precisa estar morta. Nesse aspecto, na esfera museológica, o termo "objeto" é acionado para nomear todo material coletado ao qual foram atribuídos valores culturais. Quando retirados de seus contextos originários e incorporados aos museus, a partir das técnicas de preservação e exposição são criados novos usos, significados e referências. É uma nova existência. Nesse processo, destinado a transformar objetos (assim como animais) em arquivos, ocorre a retirada de sua função de uso primeira, a descontextualização espaço-temporal e a alteração de seu significado (Soler & Landim, 2018).

2 - Coleções de borboletas perdidas

Há muitas facetas em uma coleção biológico-científica. Elas vão desde a vida do marceneiro que fabrica as caixas, aos alunos que a visitam para pesquisa, aos professores curadores que imprimem seus desejos e preferências no que é construído, os técnicos que se desdobram para mantê-las conservadas por mais tempo, o que é exposto nas exposições e quem vê, o que não é e quem tem acesso, as próprias borboletas e mariposa. São atores, personagens envolvidos nas burocracias institucionais e suas respectivas hierarquias de departamentos e questões financeiras, egos e paixões de cientistas e colecionadores, embates entre ciência e natureza, concepções de morte, vida e metamorfoses.

Para todos esses pesquisadores, alunos e professores, o incêndio produz um grande trauma que encontra formas de cura em peças teatrais, na escuta do que se perdeu, das espécies que nem ainda tinham sido classificadas, de todas as linhas possíveis ainda a se estudar. Se é verdade que a sala de meteoritos não teve grandes prejuízos, 98% da coleção de borboletas e mariposas se perdeu. Sobraram apenas os 2% que estavam emprestados a outras instituições nacionais e estrangeiras.

Ao contatar um bombeiro que foi acionado nos primeiros momentos do incidente em 2018 ele relata sobre sua chegada ao museu em chamas. O bombeiro se mostrou impressionado com o quanto os galões de álcool usados para a conservação dos animais estavam aumentando a intensidade do fogo e o risco para salvar qualquer peça. "Os potes de vidro explodiam e faziam os potes ao lado explodirem também, eram chamas sendo criadas por todo o lado". De certa forma, a vontade de preservar foi um dos principais empecilhos para a preservação no momento do fogo.

Fica a pergunta sobre quais memórias serão atreladas à nova coleção. Sobre essa questão, cabe espaço para os revolucionários, ou ao menos para os que colocam os animais e a relação humano-animal em questão? Se os museus de história natural foram em grande medida afastados da história e das relações sociais, há espaço para uma retomada.

Referências:

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, Editora da UFF, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ: Iphan, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo; BITAR, Nina Pinheiro & GUIMARÃES, Roberta Sampaio. 2013. A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ. 296 pp

LATOUR, B. Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: EdUSC, 2012.

SOLER, Mariana Galera; LANDIM, Maria Isabel. Mute polysemy: Animals in exhibition narratives. 71, 2018. Disponível em:https://therai.org.uk/images/rai2018.pdf. Acessado em 15/08/2022

A tragedia das borboletas do Corcovado

As borboletas do Brasil! Nos livros e nos artigos que tratam do nosso paiz, ouve-se sempre falar de sua belleza, de sua grandeza e de seus coloridos fascinantes.

O Rio de Janeiro é uma das raras cidades do mundo que, a despeito de ser grande e adeantada, guarda um contacto relativamente intimo com a natureza. E' sobretudo em consequencia de sua situação geographica unica — graças a esse massiço montanhoso em volta do Corcovado, quasi inteiramente coberto de florestas exuberantes, e que se infiltra até o centro da capital, — que nós devemos esse privilegio extraordinario.

Se estas altas collinas impõem á urbanização obstaculos invenciveis não esqueçamos entretanto de mencionar a louvavel previdencia da Prefeitura que — zelosa guardiã dos interesses vitaes da população — soube impôr a tempo limites ao processo de desnaturalização, declarando as zonas em volta do Corcovado e da Tijuca re-

to no alto do Corcovado com os braços abertos sobre a cidade, algumas vezes cercado de nuvens o que, sobretudo á noite, com a illuminação dos possantes, pharoes, dá-nos o aspecto de uma visão celeste, de uma apparição milagrosa. Quem chega a primeira vez ao Rio, recebe uma impressão inesquecivel desta visão. Ouvimos falar do Christo do Corcovado na Europa e por pessoas vindas da America do Norte, com verdadeiro enthusiasmo e veneração. Porém não temos necessida-

forte irradiação dos pharóes, atiram-se nas fontes de luz, sobre os vidros escaldantes das lampadas electricas, e assim morrem aos milhões.

VISÃO FANTASTICA E TERRIVEL

O autor deste artigo verificou o phenomeno subindo á noite ao Corcovado illuminado. O aspecto que se offerecia era terrivel. Quem não tivesse visto com seus proprios olhos, jámais poderia imaginar semelhante coisa; o ar em volta da estatua atravessado por possantes vagas de luz vibrava, por assim dizer, com o ruido de dezenas de milhares de mariposas de toda especie. Como loucas-furiosas, calam mutiladas aos bandos. Loucas de dôr, tremulas.

A estatua do Christo inteiramente coberta de mariposas vibrantes parecia ser feita de materia viva: o ruido do bater de dezenas de milhares de azas dá a visão de uma massa, dan-

BR, RS, Nilópolis
área urbana
Gomes, V. M. col

IX-25

PAISAGENS HUMANIMAIS

foto *crono* grafias

ACESSE EM MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS